



CARTAS

SOBRE A

CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

POR IG.

(Publicadas no Diário).



RIO DE JANEIRO

EMPRESA TYPOGRAPHICA NACIONAL DO—DIARIO.

RUA DO ROSARIO N. 84.

1856.



CARTAS

Cypriano de Souza Freitas.

SOBRE A

Carta - 1871

CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

POR IG.

(José Martiniano de Albuquerque)

(Publicadas no Diario).



RIO DE JANEIRO

EMPRESA TYPOGRAPHICA NACIONAL DO—DIARIO.

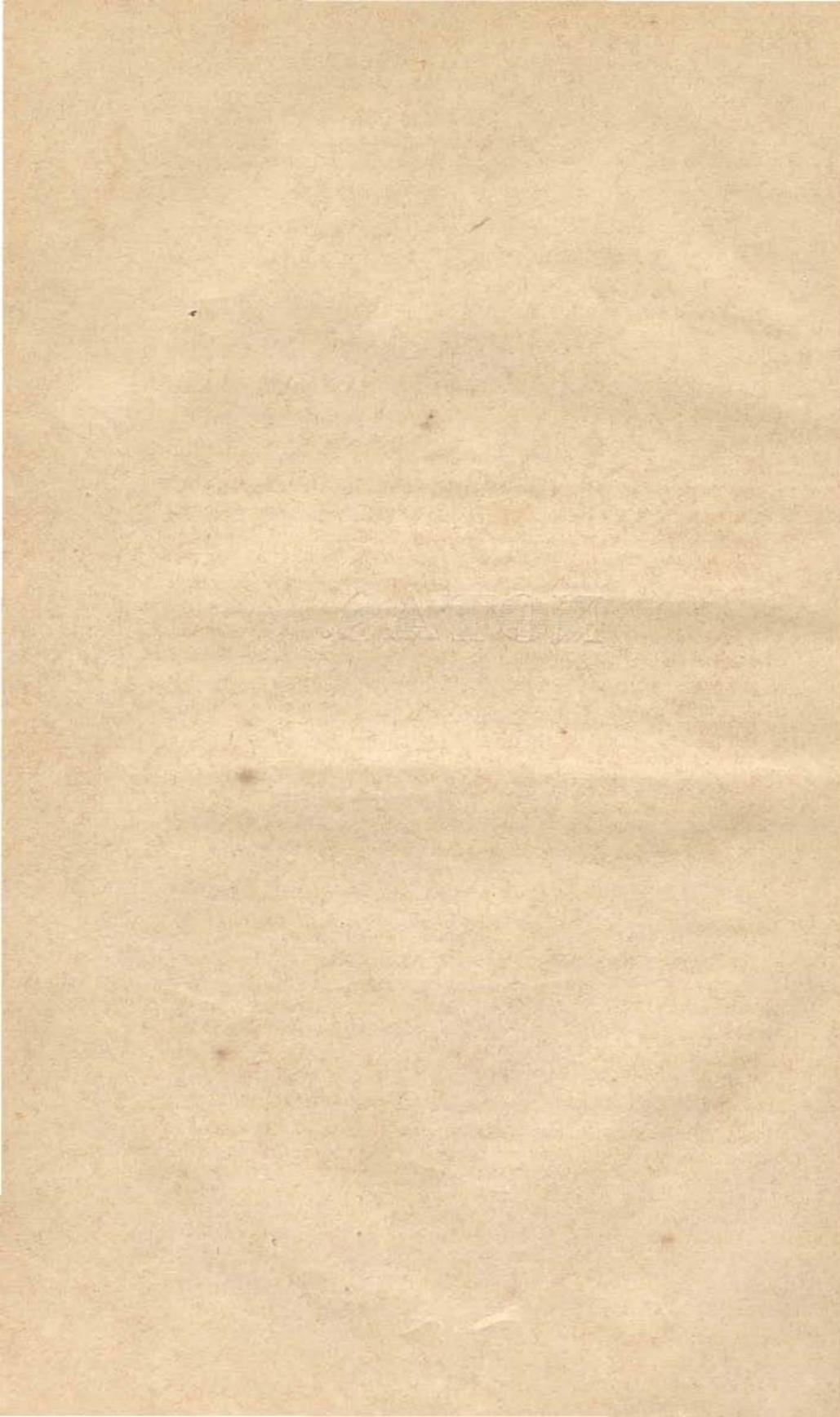
RUA DO ROSARIO N. 84.

1856:



869.0 (81) GONZALVES DE M. PERALTA, DT 03
R. 5

NOTAS.



NOTAS.

Estas cartas foram escriptas, como o publico sabe, para a imprensa diaria; as primeiras acompanhavão a leitura do poema que havia apparecido ácerca de oito ou dez dias; as segundas erão uma resposta as reflexões feitas por um amigo do Sr. Magalhães sobre as minhas censuras.

Dahí resultou que ás vezes vi-me obrigado á reproduzir-me, ou antes insistir sobre um mesmo ponto, que tinha sido contestado; isto que era então desculpavel e até necessario em uma polemica, tornar-se-hia agora Impróprio, e inconveniente.

Despindo pois essa discussão do que poderia ter de pessoal, resolvi-me omittir nas cartas aquellas reproduções, e apontar em algumas notas sómente o que fosse preciso para justificar as censuras de menos importancia que ia fazendo á medida que proseguia na leitura do poema.

Essas censuras em geral referião-se á grammatica, ao estylo e á metrificacão; na minha opinião o autor da *Confederação dos Tamoyos* peca frequentemente por este lado.

O leitor encontrará nas paginas seguintes, com mais algum desenvolvimento, aquillo que eliminei das cartas publicadas no *Diario*.

NOTA 1.^a

(PAGINA 48)

Raça dos Tamoyos.

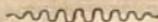
Quando publicava estes artigos, não tinha tempo de consultar os chronicistas para confirmar certos factos que me lembrava haver lido; por isso é possível que em alguns d'elles tenha sido inexacto.

E verdade que nesses pontos sempre me exprimi na duvida, e confiado apenas na minha memoria, como se pôde ver nas cartas e especialmente nessa página, em que disse que me parecia que os *Tamoyos* pertencião á raça tapuia.

Lendo depois a historia do Brasil do Sr. Varnaghen vi que a sua opinião é contraria a minha; e como para verificar qual das duas é a exacta seria preciso dar-me á um estudo minucioso, preferi não alterar o que tinha escripto.

Não sendo isto uma obra de historia, pôde passar sem grande inconveniente uma pequena inexatidão, se é que ella existe realmente.

Esta explicação deve satisfazer ao autor das *Reflexões* que me contestou sobre este facto, e mostrar-lhe que sou o primeiro á dar-lhe razão quando elle a tem.



NOTA 2.^a

(PAGINA 52)

Grammatica.

Em um dos artigos mencionei a frase—o índio *deslisa a vida*, como uma innovação que não julgo bem cabida por ser contra a ethmologia da palavra, e por haver na lingua portugueza muitas expressões apropriadas.

Philinto Elysis inventou na traducção dos Martires o seo verbo onomatopaico *ciciar* para exprimir o som do vento nas folhas dos canna-viães; empregou muitos neologismos, mas não se animou a alterar completamente a significação de uma palavra consagrada pelo uso e costume.

Citei os versos do quarto canto, (pag. 108) que no meu modo de entender não são correctos : —

*Os negros olhos de chorar caçados
Com as mãos enxuga; mas de novo estanques,
Lágrimas brotão que lh'o peito aljofrão.*

A expressão *lágrimas estanques* combinada com o verbo *brotar* é defeituosa pela contradicção das palavras; não se comprehende como lágrimas esgotadas brotem dos olhos.

O amigo do Sr. Magalhães querendo evitar essa incorrecção concordou estanques com *olhos* que se acha na oração anterior; mas além dessa intelligencia ser forçada, não sana o defeito.

A prevalecer aquella opinião deveríamos ler o verso por esta maneira : — «mas os negros olhos de novo estanques brotão lágrimas que lh'o peito aljofrão.»

Subsiste pois a contradicção de olhos seccos e enxutos que brotão lágrimas; além de que tendo-se dito no verso anterior que *Iguassú enxugára os olhos com as mãos*, não se comprehende a que vem o adverbio *de novo*.

Notel igualmente o verso do segundo canto (pag. 40) : — *Té o mais moço descendendo em annos.*

Ha nesta maneira de exprimir-se uma redundancia de pensamento sem a menor belleza, e o emprego de uma palavra impropria.

Em portuguez moderno não se emprega o verbo *descender* por *descer*, e sim por derivar-se; e bem se vê que o poeta querendo usar daquelle outro termo, e sentindo que faltava-lhe uma sillaba para completar o verso, recorreo ao verbo composto.

A frase que *os cantos d'alma aos seios sobem*, (pag. 106) não tem explicação, quer se leia como se acha escripta, quer se faça a transposição como quer o autor das *Reflexões*.

Cantos que sobem d'alma aos seios, ou cantos que sobem (d'onde ?..) aos seios d'alma, será uma expressão poetica, mas de certo pouco intelligivel.

No primeiro canto (pag. 3) a oração que começa no undécimo verso não tem verbo, e fica suspensa, terminando o periodo por uma outra oração muito differente : —

*Inumeras pujantes catadupas
Voz dando a solidão em cristaes curvos
De rochedos alpestres precipitão-se;
E de horrendo estridor pejando os ermos
De valle em valle, entre asperas fraguras,*

*Onde atroão também gritos de feras
Das serpes o sibilo e os trinados
Dos passaros e a voz dos roucos ventos, . . .
Viva orchestra parece a natureza.
Que a grandeza de Deos, sublime, exalta.*

Catadupas é o sujeito do verbo precipitar-se; e da oração seguinte que fica no ar por falta de um verbo que complete o sentido.

Na pag. 6, fallando do Paraná, usa da expressão que um rio *devassa* as terras para significar que as percorre, o que pôde ser admissível para alguns, mas não para mim que não posso concordar como já disse, que se altere o sentido de uma palavra, quando disto não resulta a menor belleza, e quando a riqueza da língua torna desnecessario.

A mesma observação se pôde fazer a respeito da frase *revolver* as cordas de uma harpa em vez de tanger ou vibrar (pag. 9); não é possível applicar semelhante verbo ao movimento que se faz tocando um instrumento qualquer de cordas.

O celebre verso onomatopaico á pag. 24, esse verso tão elogiado pelos admiradores do poema, é um novo attentado contra a grammatica.

*Deo com a cabeça de um contra outro,
Que batendo quebrarão-se estalando,
Como estalão batendo as sapucaias.*

O relativo *que*, sujeito do verbo *quebrarão-se* não acha na oração antecedente uma palavra a que possa referir-se; *cabeça* é do singular, e entretanto rege um verbo no plural.

Demais pela verdadeira regra, este relativo refere-se sempre á palavra anterior, e por consequente produz na oração que citamos uma confusão incomprehensível, para quem não perceber por intuição que o poeta allude as cabeças dos dous inimigos.

A pag. 239, no canto oitavo acha-se uma outra oração incidente em que existe a mesma discordância,

*. . . e os mortaes, que obra é já tua,
Arrastas pelo egoísmo á nova perda.*

O verbo—é—no singular, está regido por um sujeito no plural; a discordancia é manifesta, e admira como em uma obra corrigida com tanto esmero escapou um erro desta natureza.

A pag. 126 lê-se a seguinte frase: — *deixando boquia—berta o vulgo ignaro.*

Boqui-aberta é um adjectivo composto de duas palavras, um substantivo e um adjectivo; acha-se na terminação feminina sem nome com que concorde.

O Sr. Magalhães entendeu que não devia dizer o vulgo *boqui-aberto*; e que este adjectivo composto equivalia ao mesmo que se dissesse claramente a frase *de boca aberta*.

E' a primeira vez que vemos semelhante regra grammatical de concordar os adjectivos compostos com os nomes que entram na sua composição.

Um nome desde que se liga a outro, seja verbo ou adjectivo, para formar uma palavra composta, perde a sua natureza de substantivo, e não serve senão para explicar a idéa que exprime o novo termo.

O mesmo poeta no seu poema mostra não desconhecer esta regra usual que se encontra em todos os dicionários e grammaticas, quando usa no quarto canto da expressão: — *virgem olhi-negra*.

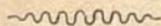
Ha nesta palavra a mesma composição que na outra; é um substantivo ligado á um adjectivo a fim de limitar a sua significação; para ser consequente o Sr. Magalhães devia dizer *a virgem olhi-negros*, á semelhança de *vulgo boqui-aberta*.

Admittida uma tal syntaxe, ficaria a língua portugueza sem regencia; haveria na oração adjectivos sem nomes com que concordassem, ou frases truncadas sem verdadeiro sentido grammatical.

Pode-se ainda notar como um defeito, a falta de uniformidade do tempo dos verbos que existe em muitos pontos da exposição do poema; o poeta quando narra ou descreve ora falla no presente ora no passado ora no pretérito imperfeito.

Resulta disto, que não sendo as transições dos diversos tempos bem precisas e marcadas por um estylo adoptado á esse fim, a exposição torna-se muitas vezes confusa, e fatiga o espirito do leitor.

Não é propozito meo faser uma análise grammatical do poema; e por isso não estenderei mais esta nota; limitei-me apenas as observações que fiz quando lia o poema como obra de arte, sem o espirito prevenido para descobrir as pequenas faltas.



NOTA 3.^a

(PÁGINA 52)

Metificação.

Em uma das cartas disse que era difficil apontar um á um todos os versos defeituosos porque isto equivaleria á copiar a maior parte do poema.

Desejo porém justificar uma proposição que emitti, e que foi taxada de injusta; vou citar alguns versos de que me lembro para que se veja que tinha razão de sobra quando avancei que o Sr. Magalhães desnaturou a língua portugueza.

O autor das *Reflexões* entendeu que eu tinha cedido á uma prevenção, e que fora injusto fazendo uma censura immerecida ao poema.

Vou apresentar os versos de que fallei, primeiramente pela maneira porque se achão escriptos, e depois pela forma porque devem ser lidos affim de poderem ter a cadencia necessaria, e não parecerem prosa simplesmente alinhada.

A' vista deste paralelo o leitor conhecerá por si mesmo, e não confiado na minha opinião, se houve injustiça na critica; e se a pronuncia desses versos é a verdadeira pronuncia da língua portugueza.

O primeiro verso que vou citar (pag. 40) apesar da elipse de uma vogal não se acha metrificado:

Não, dos canhões não foi o écho estrondoso

Para tornar-se verso seria necessario subtrahir a ultima vogal do verbo *foi*, e lêr da maneira seguinte:

Não, dos canhões não fo'o ech'estrondoso

O mesmo se dá no verso a pag. 24:—

Já co'o arco esticado e a flexa no alvo

Basta saber um pouco de metrificação, para que lendo este verso como todas as elipses naturaes, se lhe note o vicio; é prosa perfeita, á qual para dar a formula de poesia seria necessario fazer um esforço de vocalisação e lêr:

Ja c'arco esticad'e a flexa n'alvo.

Ora ninguém ouvindo pronunciar *carco, nalvo, fôo, echestrandoso* dirá que semelhantes sons são de palavras portuguezas.

Como estes muitos outros versos encontramos nos quaes a reunião dos monosyllabos, a falta de enfoia na ligação das palavras, e as elipses forçadas, produzem uma tal combinação de síllabas que o uso repelle.

Os seguintes vão dar um exemplo do que é a metrificação e a cadencia do poema.

Pág. 45:

*Que banha o Pirahé e o Parahíbuna.
Que entre o Guandü e o Mucahé s'estendem.*

Pag. 25:

Disse e morreo... E ali cahí sobre elle.

Pag. 26.

E matão nossos pais, irmãos e amigos.

Pag. 27.

Em roubos, guerras, mortes e exterminios.

Pag. 36:

Quer espanto causar co'o horrído aspecto.

Pag. 38:

Resumbrava em seu rosto o horror do inferno

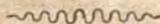
Pag. 51:

Que tanto estrondo e horror ali causavão.

Pag. 56:

Facil foi-me o passar p'ra diante os braços.

Estes exemplos não foram escolhidos e catados para assim dizer no poema; lendo fui notando os que me offendião mais fortemente o ouvido, até que chegando ao segundo canto, erão em tal numero que já não me causavão impressão.



NOTA 4.º

(PAGINA 52).

Estylo.

Uma das censuras que causou nos admiradores do poema grande clamor, foi a que fiz á falta de elegancia do estylo de toda essa obra.

Felizmente não é preciso grande trabalho para justificar a minha opinião, e convencer aos que não feixão os olhos a verdade.

Basta abrir o livro em qualquer parte, percorrer duas ou tres paginas, para encontrar, não um nem dois, porém muitos desses vici s de linguagem que resallão até mesmo na prosa a mais simples e ligeira.

Nem um escriptor, mesmo jornalista, escrevendo *currente calamo* mostraria tanto descuido e negligencia, ou tanta pobreza de conhecimento

fecham

da lingua portugueza, como revela o poema da *Confederação dos Tamoyos*.

Muitas e muitas vezes encontra-se em poucos versos a mesma palavra repetida tres vezes, sem que esta repetição seja d'aquellas que se permitem para dar mais força e vigor á idéa; é simples reprodução do mesmo termo por falta de outro que o substitua,

Eis um exemplo :

Pag. 12 : —

*E nem n'um TRONCO só seu ninho tecem ;
Embora o TRONCO firme sobre a terra
Suporte a chuva, o sol, o vento e o raio,
Não tem membros o TRONCO que o transportem.*

Como estes podia eu apontar muitos outros, pois não é preciso trabalho para os encontrar.

O poeta usa também de termos antiquarios, sem a menor necessidade; entre estes notei principalmente *instructa* e *bivio*.

O primeiro termo só tem uma razão explicativa; e é a maneira por que o Sr. Magalhães entendeu a metrificação do verso portuguez, abreviando e supprimindo sillabas á seu talante; *instruida* não lhe ia bem mudou para *instructa* que tem menos um pé.

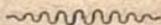
Abusa de alguns termos empregando-os a cada momento, e para exprimir uma mesma idéa, o que torna o estylo monotonico e pouco variado.

Assim quando quer significar a acção de alguma cousa elevar-se ao ceo ou a Deos, serve-se quasi sempre do verbo *sublimar*; a natureza é sempre a *virgem natureza*, uma canoa é *esquipada canoa*, um rio é *caudal rio*.

Parece que a adjectivação destas palavras, foi produzida por uma tal elaboração de espirito, que ficou gravada na mente do poeta, e a todo o momento lhe corria ao bico da penna.

A anteposição do reflexivo ao nome e ao verbo é ao mesmo tempo um defeito de eufonia que mesmo em prosa não se pôde admitir; *que lho peito aljofra*, e se elle *esquecia* além de pouco sonoro, não é elegante, nem parece a verdadeira e natural composição da frase portugueza.

O verso que citei dos *mandiocaes*, tem no poema muitos outros que em nada lhe cedem quanto a impropriedade do estylo de uma epopéa; todo o canto quinto ressen-te-se desta falta de elevação.



Pureza de Linguagem.

Em uma das cartas apontei como gallicismo o verbo *gostar* no sentido de beber o que na minha opinião é uma frase inteiramente franceza.

O Sr. Magalhães diz á pag. 31.

Licores que o europeu não desdenhara gostar em taças de ouro; traduzio pois palayra por palayra esta expressão franceza: — *boissons, que l'europeen ne se desdaignairait de gouter en tasses d'or.*

Ora haverá alguém por pouco entendido que seja na construcção da frase portugueza, que julgue castiça e pura essa traducção de *gouter*, por gostar em lugar de beber?

O latim tem é verdade o verbo *gustare*, donde se derivou o termo provar; mas a significação da palayra tanto latina, e mo portugueza não é a mesma que lhe deo o Sr. Magalhães no lugar citado.

Em latim *gusto* exprime segundo o Calepino—*labris primoribus attingo*; e em portuguez segundo Bluteau e Moraes—exprime provar, exprimentar a primeira sensaçã que nos causão os corpos saborosos applicadas á ponta da lingua. »

E' neste sentido que usa Fr. Luiz de Souza na historia de S. Domingos *gostar o vinho*; e Amador Arraes nas suas Decadas—*gostar fel e vinagre.*

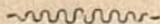
Se o Sr. Magalhães tivesse dito *gostar o licor* nesta significação de provar, a frase seria portugueza e derivada do latim; mas o sentido da palayra na oração apontada é muito diverso.

Gostar no poema foi empregado para exprimir a idéa de beber, e nem de outro modo se explicaria o pensamento do autor.

Com effeito que quer dizer não desdenhar provar? Acaso quando provamos uma cousa, é porque ella é saborosa, ou porque desejamos conhecer se nos agrada ou não?

A idéa do poeta é que os licres fabricados pelos indios erão tão saborosos que o europeu apesar de habituado aos vinhos delicados não desdenharia tomalos em taças de ouro.

Estendemo-nos mais sobre este ponto porque foi combatido pelo autor das *Reflexões*, talvez por culpa nossa, e por não nos termos explicado bem, dizendo claramente que o gallicismo não estava na palayra, mas no sentido em que era empregada.



NOTA 6.^a

(PÁGINA 66).

Invocação

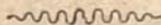
O autor das *Reflexões* em um dos seus artigos respondendo á esta carta, affirmou que Camões usa frequentemente da interjeição *oh!* nas invocações dos *Lusiadas*; e prometteo apresentar-me muitas exemplos da epopéa portugueza.

Como não cumprisse a sua promessa quiz por curiosidade vêr se me tinha enganado, e fiz uma nova leitura dos *Lusiadas*, com o unico fim de examinar as diversas invocações d esse poema.

Confirmei-me na minha primeira opinião; e conheci que o amigo do Sr. Magalhães tinha feito uma promessa, que não lhe seria possível realisar.

Com effeito nem uma das invocações dos *Lusiadas* emprega a interjeição *oh!*, á excepção de uma em que esta interjeição é precedida pelo pronome. *Canto 1.º Est. 4.ª, 6.ª, 7.ª e 8.ª Canto 2.º Est. 1.ª e 2.ª*

Onde Camões usa da interjeição, assim como os outros poetas portuguezes, é nas simples exclamações, o que é muito diverso.



NOTA 7.^a

(PÁGINA 72).

Traducção de Sophocles.

Não devia mais tocar nesta questã), depois que o autor das *Reflexões* confessou que a traducção do verso grego que dei nesta carta é exacta.

Entretanto como alguém que não tenha acompanhado a discussão á que deu lugar essa traducção, pôde lendo os artigos do amigo do Sr. Magalhães duvidar da traducção; reproduziremos aqui o *post-scriptum* que acompanhava a carta seguinte.

P. S. « Vejo-me obrigado meu amigo a acrescentar á carta que lhe mandei hontem esta pequena nota.

« O amigo do Sr. Magalhães, no *Jornal* de hoje, duvida da citação que fiz ao Edypto-Rei de Sophocles; e funda-se em uma traducção de *Artaud*,

« Traductor por traductor, eu podia apresentar ao critico o visconde de

Chateaubriand, de quem copiei aquella versão: porém o melhor é irmos a fonte limpa.

Eis o verso de Sophocles a que alludi na minha carta antecedente; escrevo-o mesmo em caracteres italicos para facilitar a composição, e sobretudo a leitura dos que não conhecem os caracteres gregos:

« SMICRA PALAIA SOMATEUNAZEI ROPE. »

Se o *Amigo do poeta* quizer ter a condescendencia de abrir o dictionario grego de Alexandre achará nas palavras citadas o seguinte:

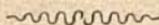
SMICRA ROPE: frase de Sophocles — *influencia da menor causa.*

PALAIOS—a—on adjectivo:—*decrepito, antigo.*

SOMA—mates:—substantivo, *corpo—humano.*

EUNAZE:—verbo neutro—*adormecer.*

A' vista d'isto, dir-me-á o *Amigo do poeta* se truquei de falso, e se a sua traducção de Artaud vale a de Chateaubriand.



NOTA 8.^a

(PAGINA 79)

Descripção da floresta.

Talvez pareça exaggeração o que dissemos á respeito da descripção das matas do Brasil, feita pelo Sr. Magalhães no seu poema.

Entretanto se o leitor se quizer dar ao trabalho de ler o primeiro volume da historia do Brasil de Beauchamp, achará ali uma descripção mais poetica, mais original e mais linda do que a da *Confederação dos Tamoyos.*

Para sentir quanto o poeta ficou neste ponto a quem da realidade basta ter atravessado ao meio dia uma dessas florestas seculares, onde tudo é magestoso e grande como a natureza nas suas formas primitivas.

Em vez de pintar-nos a scena, em suas vastas proporções, em vez de traçar um quadro grandioso, o Sr. Magalhães preferio descrever os detalhes, e apresentar os pirilampos á fazerem evoluções desconhecidas na historia d'esses insectos.

Um pintor que desejando pintar uma tempestade em vez da scena ma-

gestosa da natureza, se occupasse em pintar uns barquinhos no mar acoissados pelo vento, faria um quadro defeituoso; o mesmo succedeo ao poeta que despresou a harmonia do todo pela minucia dos detalhes.

Não fallaremos das comparações das saphiras e rubis sotopostos, que ha nesta descripção; são questões de gosto em que cada um pode ter a sua opinião.



NOTA 9.^a

(PAGINA 81).

Paulo e Virginia.

Para melhor fazer sentir a pobreza da linguagem que o Sr. Magalhães põe na boca dos selvagens de seu poema, traduziremos aqui um trecho de Chateaubriand à respeito do romance de Bernardin de St. Pierre.

« Paulo e Virginia não tinham nem relógios, nem almanacks, nem livros de chronologia, de historia ou de philosophia. Os periodos de sua vida se regulavão pelas da natureza.

« Conhecião as horas do dia pela sombra; a estação pelo tempo em que dão suas flores ou seus fructos; e os annos pelo numero das colheitas. Essas doces Imagens davão o maior encanto as suas conversações.

—E' tempo de jantar,—dizia Virginia á familia, as sombras das bananeiras estão a seus pés.

« Ou então:

—A noite se aproxima; os tamarineiros felxão as suas folhas.

—Quando pertendes vir ver-nos,—lhe dizião algumas amigas da visinhança.

—No tempo das cannaç.

—Vossa visita será então mais doce e mais agradável.

« Se lhe perguntavão a sua idade e a de Paulo, respondia:

—Meu irmão é da idade do grande coqueiro da fonte, e eu da do mais pequeno. As mangueiras já derão fructos dez vezes, e as laranjeiras já se cobrirão vinte quatro vezes de flores, depois que vim ao mundo. »

Se o Sr. Magalhães se tivesse compenetrado bem dessa simplicidade graciosa da linguagem primitiva, cheia das imagens da natureza, teria achado no Brasil uma fonte inexgotavel de poesia, um colorido brilhante para a descripção dos costumes selvagens.

Mas o poeta despresou muitas vezes esta belleza; e nos poucos lugares em que a empregou nem sempre foi feliz.

Ordinariamente quando um poeta escreve um livro sobre um assumpto ainda não conhecido, crea alguma cousa nova e original, que se admira, e se repete com uma certa sympathia; é um quer que seja que toca ao coração ou ao gosto do leitor.

As vezes é um typo, um caracter, uma descripção ou mesmo uma imagem; outras é apenas um verso, um pensamento, uma frase e até uma palavra.

Lembro como exemplo nacional e tirado desse mesmo genero de poesia americana, aquella imagem das faces de uma virgem india, das faces *côr de jambo*, que depois foi parodiada e repetida em milhares de versos.

Estou certo que do poema do Sr. Magalhães, apesar de haver muita cousa bonita e de merecimento, não restará na memoria dos seus leitores nem uma dessas inspirações felizes.

O leitor se recordará do livro, pôde ser mesmo que conserve uma impressão agradável da sua leitura, mas quando presenciár alguma circumstancia analoga a uma situação do poema, não lhe acudira ao labio uma citação da obra do Sr. Magalhães.

A razão disto, — expliquem os proprios admiradores do poema, a quem estou certo que o mesmo terá acontecido.

FIM DAS NOTAS.

Uma palavra.

Publicando de novo estas cartas escriptas em alguns momentos que me deixavão as minhas occupações diarias, não tenho pretensões de fazer dellas uma obra.

Reconheço que são defeituosas como todo o trabalho interrompido por estudos de natureza muito diversa, feito rapidamente e de memoria, sem tempo de verificar a citação de livros que li ha bons annos.

Se as tivesse de corrigir, creio que me veria obrigado á refazel-as de todo dando-lhes nova fórma; mas para isto falta-me o tempo, e ainda mais o animo de emprehender um trabalho enfadonho.

Occultei a principio o meu nome, não pelo receio de tomar a responsabilidade do escripto; e sim porque obscuro como é, não daria o menor valor as idéas que emitti.

Desde porém que a critica, das columnas de um jornal passa ás folhas de um livro, entendo que é dever de lealdade para com o poeta que censurei, e para com o público que me servio de juiz, assignar aquillo que escrevi.

O pseudônimo de *Ig.* foi tirado das primeiras letras do nome *Iguassú*, heroína do poema; ninguém dirá pois que a *Confederação dos Tamoyos* não é capaz de inspirar, quando suscitou-me a idéa de um pseudônimo que fêz quebrar a cabeça a muita gente.

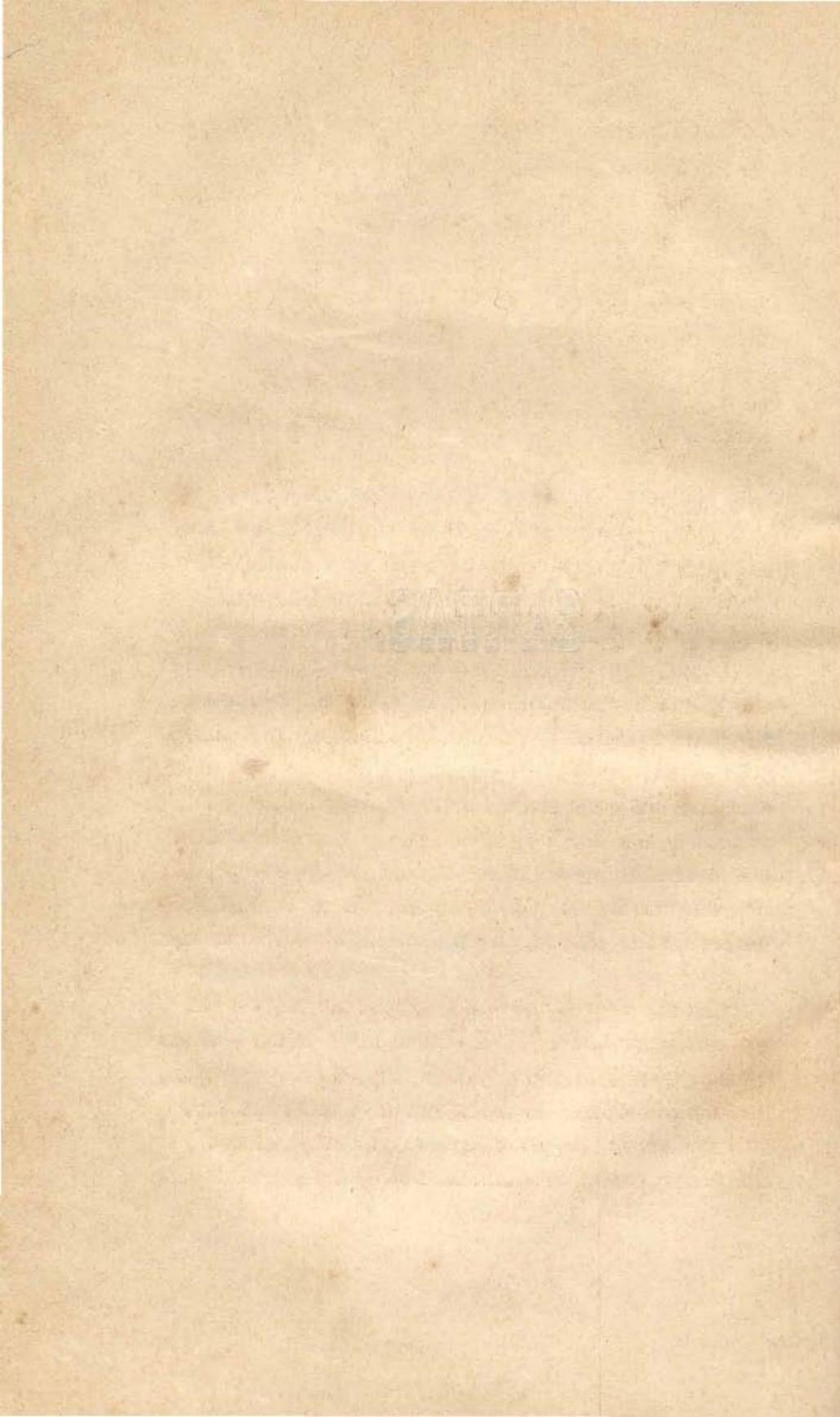
Alguém pensou, ou quiz pensar, que tive collabores n'estas cartas, mas enganou-se completamente; tive sim mestres como Chateaubriand e Lamartine, de quem lia algumas paginas para ter a coragem de criticar um poeta de reputação como é o Sr. Magalhães.

O leitor que julgou a idéa pelo que valia, sem o apparatus de um nome conhecido, mas excitado pela curiosidade do misterio, dar-lhe-há de certo menos apreço quando souber quem a escreveu.

Agosto de 1856.

J. d'Alencar.

CARTAS.





Carta Primeira.

Meu amigo.

Não é um juízo crítico que pretendo escrever sobre o poema do Sr. Magalhães : nem tenho habilitações, nem tempo para o fazer com a calma e o estudo precizo.

São apenas as impressões de minha leitura, que desejo communicar-lhe, para que as publique se entender que o merecem, e que são justas.

O pensamento do poema, tirado dos primeiros tempos coloniaes do Brasil, é geralmente conhecido; era um bello assumpto que, realçado pela grandeza de uma raça infeliz, e pelas scenas da natureza esplendida de nossa terra, dava thema para uma *divina epopéa*, se fosse escripto por Dante.

O Sr. Magalhães tratou este assumpto em dez cantos, e ligou á acção principal, á acção da epopéa, um pequeno drama de amor, que fórma um ligeiro episodio.

Como não escrevo um juízo crítico, mas sim as idéas que me produziu a leitura do livro, irei fazendo as minhas reflexões pela mesma ordem em que o meu espirito as formulou.

O poema começa por uma invocação ao sòl e depois aos genios do Brasil. A primeira parte é fria : o sòl de nossa terra, esse astro cheio de esplendor e de luz, devia inspirar versos mais repassados de enthusiasmo e de poesia.

A segunda parte tem belleza; ressumbra ahi essa doce melancolia que sente o espirito quando considera n'esse vasto

sólo habitado por tantas raças que desaparecerão da face da terra, que perecerão ou emigrarão para regiões desconhecidas.

A tradição dos índios do norte fallava de uma grande perigrinação feita pela raça tapuia quando a nova raça invasora dos tupis se assenhoreou de suas terras ; talvez a invasão dos Portuguezes tenha produzido o mesmo resultado.

Depois da invocação segue a descripção do Brasil: há n'essa descripção muitas bellezas de pensamento, mas a poesia, tenho medo de dizê-lo, não está na altura do assumpto.

Se me perguntarem o que falta, de certo não saberei responder; falta um quer que seja, essa riqueza de imagens, esse luxo da fantasia que forma na pintura, como na poesia, o colorido do pensamento, os raios e as sombras, os claros e escuros do quadro.

Parece-me que Virgilio, que descreveu a Italia, Byron a Grécia, Chateaubriand as Gállias, Camões os mares da India, terião achado no sol do Brasil algum novo raio, alguma centelha divina para illuminar essa tela brilhante de uma natureza virgem e tão cheia de poesia.

Parece-me que o génio de um poeta em luta com a inspiração, devia arrancar do seio d'alma algum canto celeste, alguma harmonia original, nunca sonhada pela velha litteratura de um velho mundo.

Digo-o por mim: se algum dia fosse poeta, o quizesse cantar a minha terra e as suas bellezas, se quizesse compor um poema nacional, pederia a Deus que me fizesse esquecer por um momento as minhas idéas de homem civilisado.

Filho da natureza embrenhar-me-ia por essas mattas seculares ; contemplaria as maravilhas de Deus, veria o sól

erguer-se no seu mar de ouro, a lua deslisar-se no azul do céu; ouviria o murmúrio das ondas e o écho profundo e solenne das florestas.

E se tudo isto não me inspirasse uma poesia nova, se não dêsse ao meu pensamento outros vãos que não êsses adejos de uma musa clássica ou romantica quebraria a minha penna com desespero, mas não a mancharia n'uma poesia menos digna de meu bello e nobre paiz.

Brasil, minha pátria, porque com tantas riquezas que possues em teu seio, não dás ao genio do um dos teus filhos todo o reflexo de tua luz e de tua belleza? Porque não lhe dás as côres de tua palheta, a forma graciosa de tuas flôres, a harmonia das auras da tarde? Porque não arrancas das azas de um dos teus pássaros mais garridos a penna do poeta que deve cantar-te?

E entretanto a civilização ahí vem; o *wagon* do progresso fumega e vai precipitar-se sobre essa ^{terra} teã immensa de trilhos de ferro que em pouco cortarão as tuas florestas virgens; os turbilhões de fumaça e de vapor começam a enovelar-se, e breve obscurecerão a limpidez d'essa atmosphera diaphana e pura.

A natureza veste-se com as roupagens da arte e da civilização; e a natureza é como a *Venus* aphrodita, que sahio nua dos seios das ondas, e que as *Graças* não se animarão a vestir; a natureza sahio nua das mãos de Deus, e as mãos dos homens não podem tocar a sem offendel-a.

Quem sabe! Talvez isto seja necessário. O Brazil, em tôda a sua belleza natural, offusca o pensamento do homem como a luz forte, que deslumbra a vista e cega; é preciso que essa luz perca um pouco de sua intensidade para que olhos humanos possam se habituar a ella.

la-me esquecendo o poema: é natural! A descripção

ca-la / de-la

do Brazil inspira-me mais enthusiasmo do que o Brasil da descripção.

No trecho sobre o Amazonas há alguns versos lindissimos, algumas imagens muito felizes, mas é bastante longo; o poeta parece ter esgotado n'elle toda a sua inspiração, que fez-lhe falta na descripção do Paraná.

A pintura da vida dos indios não tem, na minha opinião, a menor belleza; uma pagina de um viajante qualquer a respeito da vida nomade dos Arabes do deserto é mais cheia dessa poesia da liberdade selvagem do que a parte do poema a que me refiro.

Demais, o autor não aproveitou a idéa mais bella da pintura; o esboço historico d'essas raças extinctas, a origem d'esses povos desconhecidos, as tradições primitivas dos indigenas, davão por si só materia a um grande poema, que talvez um dia alguém apresente sem ruido, sem aparato, como modesto fructo de suas vigílias.

Mas, deixando de parte esse thema dos *Nibelungen* brasileiros, que não estava no pensamento de seu poema, devia o autor ao menos tirar d'elle todo o recurso de um poeta épico, que procura elevar a grandeza e a magestade do seus heróes.

Se bem me lembro, em todas as epopéas que conheço, o autor não se descuida d'esse ornamento; todos dão uma origem divina, ou ao menos heroica, ao povo que pretendem cantar; assim fizeram Homero, Virgílio e Camões.

Que bella e graciosa lenda não se podia tirar d'essas tradições mexicanas, hoje tão conhecidas! Que thesouro de poesia não há a explorar n'essas imagens ainda não gastas e usadas!

O primeiro canto termina com a apresentação em scena

do heróe do poema, e com um episódio da morte do filho de um cacique indio.

Aimbire, o heróe, depois de percorrer todas as tribus tamoyas, chega ao alto da Gávia, e ahí encontra Pindobuçú e sua filha, que davão sepultura a um jovem guerreiro morto.

Essa filha é a heroína do poema; o seu encontro com Aimbire é de tal maneira, que nunca o leitor poderia adivinhar que ella teria de representar o papel importante que se lhe destina.

O poeta, talvez fatigado de descripções, não teve uma palavra para exprimir a belleza da jovem india lacrimosa, consolando seu velho pai: essa dôr mutua, esse quadro de tanto sentimento, passa desaperebido.

Foi substituído pela saudação de Aimbire á Guanabara, sua formosa terra; e pela narração cheia de força e de colorido, que faz Pindobuçú da morte de seu filho.

Até aqui, tenho seguido o poema quasi verso por verso; agora que cheguei ao fim do primeiro canto, permitta-me, meu amigo, que dê largas a algumas reflexões, que de proposito calei, para não cortar o fio das idéas.

Um poema épico, como eu o comprehendendo, e como tenho visto realisado, deve abrir-se por um quadro magetoso, por uma scena digna do elevado assumpto que se vai tratar.

Não se entra em um palácio real por uma portinha travessa, mas por um pórtico grandioso, por um peristyllo magnifico, onde a arte dilineou algumas d'essas bellas imagens que infundem admiração.

A *Confederação dos Tamoyos* começa por um episódio: é a morte de um simples guerreiro indio, assassinado por

dous colonos, que decide da alliança das tribus indígenas contra a colonia de S. Vicente.

Devemos confessar que a *causa* do poema, o *principio* da acção não está de modo algum nas regras da epopéa. Dirivar de um facto accidental e sem importancia a luta de duas raças, a extincção de um povo e a conquista de um paiz, é improprio da grandeza do assumpto.

Compare-se n'este ponto com os poemas conhecidos, e vêr-se-ha o contraste: Milton diriva a sua acção da rebellião de Satanaz; Virgilio da destruição de Troya; Homero do rapto de Helena; o Tasso das cruzadas, Camões do espirito de conquista e navegação.

Ha pois n'estes poemas como *causa*, ou um grande infortunio, ou um sentimento poderoso como a nacionalidade e a religião, ou um acontecimento importante como a descoberta de um novo mundo.

O Sr. Magalhães serve-se da vingança, mas uma vingança produzida por um facto trivial, um facto bem commum, como era a morte de um indio, n'esse tempo de hostilidades constantes entre os invasores e os indigenas.

Na minha opinião o Sr. Magalhães teria feito melhor se abrisse o seu poema pelo conselho dos chefes tamoyos que tem lugar no 2.º canto; e depois, explicando a causa da confederação, fizesse valer o sentimento nacional, a liberdade, e o captiveiro dos indios.

Quanto á metrificacão, meu amigo, concordo inteiramente com a sua opinião: o poeta no seu poema descuidou-se inteiramente da fórma, o que aliás é natural, pois o estudo da poesia estrangeira provavelmente fez-lhe perder o gosto apurado e a suavidade e cadencia do verso portuguez.

Há no seu poema um grande abuso de hiatos, e um desalinho de phrase, que muitas vezes offende a euphonia e doçura de nossa lingua; tenho encontrado nos seus versos defeitos de estylo e dieção, que um simples escriptor de prosa tem todo o cuidado de evitar para não quebrar a harmonia das palavras.

Abra o poema e verá elipses repetidas, sobretudo na conjunção *com*; o que não só denota fracos recursos de metrificacão, como torna o verso pouco sonoro e cadenciado.

Que Dante na sua *Divina Comedia* creando ao mesmo tempo um poema e uma nova lingua, recorresse a esses expedientes; que alguns antigos poetas portuguezes, obrigados pela rima, usassem d'esse meio de encurtar palavras, comprehende-se.

Mas em verso solto, e em verso escripto na lingua portugueza tão rica, é inadmissivel esse abuso: um poeta brasileiro, um verdadeiro poeta, não tem licença para estropear as palavras, e fazer d'ellas vocabulos inintelligiveis, enfileirados em linhas de onze syllabas.

Pensa talvez, meu amigo, que vou expôr-lhe uma nova *arte poetica*; mas não tenha susto. Só lhe direi que a celebre *libertas* dada *pictoribus atque poetis* por Horacio, é uma doação revogavel para os herdeiros do grande mestre; e estes não tardarão á usár do seu direito, abolindo as elipses ásperas, como anarchia, e não liberdade poetica.

Não o desejo mais fatigar n'esta primeira carta; desculpe o tom familiar em que é escripta; e se a quizer publicar não lhe dê por fórma alguma os fóros de *artigo*. O estylo epistolar presta-se pouco á gravidade e erudição de uma critica de imprensa.

Não repare também se alguma vez fui demasiadamente severo em julgar a belleza de algumas descrições. Como sabe, vivo aqui retirado n'uma casinha de campo, que o meu amigo conhece; sou o verdadeiro typo do anachoreta do século dezanove, que lê o jornal pela manhã, e à noite joga o seu voltarete.

O resto do tempo leio; mas não leio no livro dos homens, e sim, no livro da natureza, onde todos os dias encontro um novo pensamento, uma nova criação.

O sol, que para os homens da cidade é sempre o mesmo astro, que de manhã acorda os preguiçosos, ás duas horas dá sombra ás calçadas das ruas, e ás cinco diz que chegou a hora do passeio, para mim, para o meu pequeno mundo, formado por uma casinha, um fio d'água e algumas arvores, é outro bem differente.

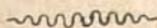
Cada um dos seus raios, é um poema, cada uma das centelhas de sua luz é uma poesia brilhante, cada um dos instantes de sua carreira é um cýclo em que a imaginação percorre outros mundos, outras eras remotas e desconhecidas.

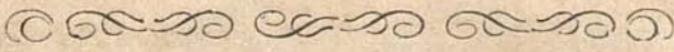
Já vê pois que tenho razão de ser difficil em materia de belleza plástica, e mesmo de metrificacão: o ouvido habituado ao frouxo roçar das arvores, aos murmurejos das ondas, aos cicios das brizas, a essas *folhas de rosa* da harmonia, não póde soffrer certos versos com a mesma indolência do ouvido acostumado ao rodar das seges e ao borborinho das ruas.

A deus, meu amigo. Domingo lhe mandarei uma segunda carta.

18 de Junho.

Ig.





Carta Segunda.

Meu amigo.

Depois que lhe escrevi a minha primeira carta, quasi que arrependi-me. Duvidei de mim para não duvidar do poeta e do livro, filho de tantos annos de estudo e de meditação.

E' que, á medida que prosegua na minha leitura, o meu espirito ia soffrendo, umas após outras, tristes decepções. Onde esperava achar uma poesia soberba, apenas encontrava alguns versos, e uma imagem fria e pallida das bellezas que sonhãra.

Já lhe disse que tinha razões de ser difficil no que toca ás descripções da natureza americana, tão cheia de vida, de graça, e de encanto; agora ainda estou mais impertinente a esse respeito, e eu lhe digo a razão.

Apenas concluí o primeiro canto, veiu-me uma vaga reminiscência de uns quadros da vida selvagem, d'essa vida poetica dos índios, que em outro tempo tanto me impressionarão. Era uma saudade de alguma cousa que havia pensado, ou que tinha lido outr'ora.

Insensivelmente percorri com os olhos um dos raios de minha livraria, e dei com um volume de Chateaubriand: abri-o, e li as primeiras paginas. Todas as minhas doces reminiscências vierão pousar, como enxame de abelhas sobre uma flôr, n'esta primeira folha do livro dos *Natchez*.

Com effeito, meu amigo, quem leu essa poesia simples e graciosa, inspirada pela natureza virgem da America; quem admirou essa imaginação vigorosa, e sentiu essa

inspiração ingênua e natural como a alma dos filhos primitivos de nossas florestas, não pôde deixar de entristecer-se lendo o nosso poema nacional.

O Brasil, o filho do sol, com todo o seu brilho e seu luxo oriental, com toda sua esplêndida belleza, cede a palma á America do Norte: o Ohio e o Mississipi vencem o Amazonas e o Paraná; as regiões septentrionaes offuscão os raios do meridiano!

E' verdade que ellas tiverão a penna de Chateaubriand para descrevê-las, e a alma de um grande poeta para sentir e comprehender o que havia nellas de grande e de sublime.

Deixo porém essas páginas perfumadas com a suave fragancia dos aloes e das acacias, com o aroma das flores silvestres, e volto ao nosso poema. Antes não me tivesse lembrado de ler os *Natchez*! Estaria com o espirito mais disposto a receber a impressão de alguma bella idéa.

O segundo canto de que já lhe dei um ligeiro esboço, contém a reunião do conselho dos chefes tamoyos; e um discurso que pronuncia o heróe, contando elle proprio os seus feitos, e fazendo o seu panegyrico.

A maneira por que começa este canto causou-me uma verdadeira surpresa. Quando, possuído das idéas que já lhe communiquei na outra carta, voltei a página e li os primeiros versos, fiquei realmente admirado, meu amigo.

Sabe que o pensamento do poeta é a luta de morte que se travou entre duas raças inimigas, luta que devia decidir da sorte de uma dellas: os índios, resolvidos a vencer ou morrer, fórmarão essa poderosa confederação que é o assumpto principal da épopea.

O heróe conseguiu ligar todas as tribus para essa cruzada libertadora de sua patria, para essa vingança tremenda das victimas, por muito tempo, sacrificadas aos caprichos dos

oppressores. O último chefe, que não fôra ainda consultado, deu a sua adhesão; nada mais falta; a acção vae pois começar, quando termina o primeiro canto.

Abre-se o segundo.

Diga-me, meu amigo, se ler um poema ou um drama, nas circumstancias que acabei de descrever, como esperará ver começar o segundo acto?

Naturalmente supporá que o poeta lhe vae apresentar uma scena grandiosa, um d'esses quadros magestosos em que a força, a coragem e o heroísmo é realçado por essa poesia primitiva e natural, que, na phrase de Chateaubriand, assemelha os selvagens a heróes de Homero.

Sem dúvida pensará, que essa luta gigantesca que deve acabar pelo exterminio de uma raça e pela conquista de um paiz, hade começar por um d'esses factos que preludião os grandes acontecimentos e servem de prologo ás revoluções de um povo, ás épocas históricas de uma nação.

Espera de certo que o poeta que deve cantar essa poderosa confederação de tantas tribus ligadas por uma causa santa, pelo amor da patria e o amor da liberdade, vae preparar o seu espirito para acompanhá-lo nos vôos do pensamento que tem de descrever essa guerra heroica.

Pois bem, meu amigo; possua-se d'essas fortes emoções, eleve a imaginação até á lembrança d'aquelles combates illiacos, d'aquellas justas dos guerreiros antigos; compenetre-se bem do assumpto, volte a página do livro, e leia comigo:

*P'ra acabar co'os ataques reiterados
Dos Lusos, confederão-se os Tamoyos.*

Eis o começo do segundo canto.

Eis a causa d'essa grande confederação que merece uma epopéa! Eis o motivo d'essa guerra de morte, d'essa vingança estrondosa! Eis o principio de um drama terrível que acaba pela destruição de um povo!

Não é pelo ódio instinctivo da cõr, não é pelo opprobrio e a vergonha de homens livres reduzidos á escravidão, não é pelo seu bello paiz, dominados por filhos de terras estranhas; não é para vingar as cinzas de seus pais, não é por nenhum d'esses incentivos nobres, que os Tamoyos se confederão; é unicamente *para acabar com os ataques reiterados dos Lusos.*

Bem vê, meu amigo, que tinha razão, dizendo-lhe que fiquei sorprendido: causou-me o mesmo effeito que se ouvisse no theatro um actor pronunciar rindo-se o *He has no children* de Shakspeare em Macbeth, ou o *Tu quoque mihi Brute*, de Cesar.

Para mim um poeta, e sobretudo um poeta epico, deve ser ao mesmo tempo autor e actor: como autor elle prepara a scena, ordena a sua decoraçãõ, e tira todo o partido da illusão theatral; como actor é obrigado a dar a todas as suas palavras, ao seu estylo, um tom e uma elevação que esteja na altura do pensamento.

Ninguém ignora que os ataques reiterados dos lusos tivessem por fim escravisar os indios, expulsal-os de suas terras, e que resistindo a elles os Tamoyos defendião sua pátria, sua liberdade, e sua religiãõ; mas é preciso exprimir os grandes sentimentos com a sua linguagem propria: as palavras são como as vestes do pensamento, que ora o trajão de galas e de sedas, ora de lã e de estamemha.

Se quizer, meu amigo, apreciar um verdadeiro contraste, leia o segundo canto do *Paraíso Perdido*, no qual também se trata da reunião de um grande conselho. O

poeta começa apresentando Satanaz no seu throno, concitando as potências infernaes :

High on a throne of royal state....

O Sr. Magalhães tinha elementos para crear uma scena igual bastava-lhe pintar com as suas verdadeiras côres o aspecto do campo selvagem, a belleza dos guerreiros indios e dar a este quadro a solemnidade própria de um conselho onde se decide dos destinos de um povo.

Mas pela leitura do poema tenho-me convencido que o poeta desdenha esses lances theatraes, esses effeitos scenicos, sem o que a epopéa e a tragedia nada são ; prefere seguir o fio da sua história dividindo-a em capitulos, a que deo o nome de cantos.

Até aqui, ainda não encontrei uma d'essas descripções a que os poetas chamão quadros ou painéis, e nas quaes a verdadeira, a sublime poesia revela toda a sua belleza estetica, e rouba para assim dizer, á pintura as suas côres e os seus traços, á música as suas harmonias e os seus tons.

Talvez o poema do Sr. Magalhães ainda me reserve esta surpresa nas ultimas paginas, que me faltão lêr ; entretanto vou continuando a minha peregrinação litteraria pelo segundo canto.

Depois do começo infeliz de que fallei, há um ligeiro esboço, no qual notei duas cousas : a primeira, é a repetição d'essa tradição indiana que attribuia ás aguas do Carioca o dom de tornar a voz doce, tradição a que já havia alludido no principio do poema (*); a segunda é uma inexactidão histórica sobre o território habitado pelos tamoyos.

() a cujas vozes
Doçura derão do Carioca as aguas.

Se bem me lembro, resão as chronicas que a nação tamoyá era um ramo da grande raça *tapuia*, que em tempos remotos possuira toda a extensão do Brasil. Muito antes da descoberta, conta a tradição que uma nova raça, a dos *Tupis*, surgira do interior, descera o Amasonas até a Bahia, e fôra expulsando a outra, que refugiou-se ao norte, na Parahyba, Ceará e Pernambuco, onde ainda os portuguezes a encontráram, e ao sul desde a serra de Pernambuco até o Guanabára.

Por tanto, parece-me que não é virídica a asserção de que os Tamoyos habitassem unicamente o territorio comprehendido entre a serra dos Órgãos e o Cairuçu. Mas, seja como fôr, isto não é de tanta importancia que valha a pena de ir folhear os meus chronistas. (*)

Reune-se o conselho, e apparece *Aimbire* proclamado o primeiro chefe. Lendo isto não pude deixar de me lembrar da bella descripção que há nos *Natchez* de um conselho dos guerreiros indios e dos seus discursos cheios d'esse vigor de linguagem, e d'esse colorido de inagens que só têm os filhos da natureza.

No retrato do heroe, querendo dar uma idéa da sua ligeireza em atirar ao arco, o Sr. Magalhães ficou, para mim, aquém de J. Basílio da Gama, no seu poemeto do *Uruguay*. Ha n'este último mais simplicidade de fôrma, e ao mesmo tempo mais energia de pensamento.

Talvez não se recorde dos versos a que alludo, meu amigo, e por isso vou copial-os uns a par dos outros, para que os compare e os julgue.

O Sr. Magalhães diz.

*Aimbire desde a infancia se amestrara
A certeiro enviar co'a seta a morte.*

(1) Notas.

*Nem no rápido pulo lhe escapava
O jaguar mais ligeiro sôbre a rocha ;
Nem mesmo o gavião alto pairando,
Nem pequenino passaro burlavão
Da seta alada o infallível tiro.*

O que o autor da *Confederação dos Tamayós* disse em sete versos, J. Basilio exprime em menos palavras, porém com mais força e belleza:

..... São tão dextros
*No exercicio da frecha, que arrebatão
Ao verde papagaio o curvo bico,
Voando pelo ar. Nem dos seus tiros
O peixe prateado está seguro
No fundo do ribeiro.*

Lembro-me também de dous versos de Alvarenga no *Sonho*, os quaes para mim são de um vigor e de uma expressão que contrasta com a pintura frouxa do poema:

*Que o indio valeroso altivo e forte
Não manda seta, em que não mande a morte.*

Na descripção que se segue dos outros guerreiros ha muitos pontos em que o poema se assemelha ao *Uruguay*, e em que algumas vezes é força confessar que J. Basilio, apesar de viver no tempo das musas e dos sátyros, comprehendeu melhor a originalidade da vida selvagem.

Permitta-me, meu amigo, que tome agora ares de commentador, para que não digão que invento, ou que fallo de ótíva : não ha remédio pois senão citar.

*Larga, escamosa, verde negra pelle
De enorme jacaré que elle matara,
As espáduas lhe veste.*

Isto é dos Tamoyos ; o seguinte é do *Uruguay*.

*..... A verde negra pelle
Que ao índio o largo peito orna e defende,
Tornou a natureza impenetrável.*

Diz ainda o Sr. Magalhães :

Nem ao lado lhe falta grossa aljava.

J. Basilio é mais natural, e mais expressivo.

*E pelos peitos ao travez lançada
Por cima do hombro a verde faixa
De d'onde ao lado opposto a aljava desce. »*

A pintura de Parabuçũ, a quem o Sr. Magalhães procura dar um aspecto terrível, não respira a originalidade e a força de alguns versos do *Uruguay* sobre objecto analogo.

*Parabuçũ, de porte agigantado,
De pennas não se cobre ; moço ainda,
Quer espanto causar co' o horrído aspecto
Da figura ; manchada, oncina pelle
D'esde a cabeça, que no largo espaço
Das abertas mandibulas se enfia,
Até o chão se estende ; enorme casco
De tatũ lhe defende o peito e o ventre*

Leia agora esses cinco versos de J. Basilio :

*Com a chata frente de urucũ tingida
Vinha o índio Kobbé disforme e feio,*

*Que sustenta nas mãos pesada maça.
Com que abate no campo os inimigos.
Como abate a seara o rijo vento.*

Não creia, meu amigo, que pretende dar ao *Uruguay* os fôros de um modelo de poesia brasileira; não: nem J. Basilio era um verdadeiro poeta nacional, embora nascido no Brazil, nem escreveu uma epopéa, mas um simples poemeto, um pequeno episódio.

Entretanto, apesar das *searas*, das *neves*, dos *pastores*, e das *nymphas*; a pesar do gosto da época em que viveu, teve alguns raios de inspiração, alguns bafejos das auras da nossa terra, como ainda não encontrei na *Confederação dos Tamoyos*.

Ia escapando-me citar um trecho do poema que, excepção feita de algumas palavras communs, achei lindissimo, e repassado d'essa poesia mysteriosa das lendas e dos mythos.

E' Aimbire que falla:

*Inda a alma de meu pai, como um colibri ?
Em fria noite no seu ninho occulto,
Além não tinha das azués montanhas X
Descido aos campos de eternaes deleites,
Quando o mar arrojou em nossas praias
Homens de pelle branca e longas barbas, etc.*

A descripção do combate entre os Francezes e os Portuguezes tem alguns versos felizes e inspirados; mas podia, ou antes *devia* ter mais expressão: falta-lhe esse cunho do bello horrível que se admira nos combates navaes como nas lutas dos elementos, e nas grandes commoções da natureza.

As vezes, o poeta repete três e quatro vezes a palavra *fogo* e a palavra *sangue* em versos seguidos, suppondo talvez que essa continuação da mesma idéa acabará por impressionar o espirito; mas o effeito é inteiramente contrario, e a impressão se amesquinha e desaparece quando a torturão e a repisão.

A belleza horrivel e fascinadora do relâmpago, que n'um momento brilha, se abrasa, nos deslumbra, e se apaga, deixando o céu negro e o horisonte escuro,—é a mesma belleza terrível do pensamento trágico, que penetra em nosso espirito, nos fáz estremecer e arripiarem-se os cabellos, e passa rapidamente, deixando-nos a emoção.

Prolongai a luz do relâmpago por espaço de um quarto de hora, e a mulher a mais nervosa aproveitará a sua claridade para mirar-se ao espelho; prolongai o pensamento trágico por mais tempo do que deveis, e o espectador receberá o lance final com uma gargalhada ou um encolhimento de hombros.

O Sr. Magalhães não tem n'esta discripção nenhum lance trágico, mas tem um desfecho que é a prisão de Aimbire. Quando o leitor chega a ella, está enjoado e aborrecido, como um homem que andasse muito tempo pisando charcos de sangue.

Tudo era o fogo e fumo e sangue e raiva!

Doze versos depois repete-se :

Só sangue e fogo e fumo respirando.

Pouco antes havia dito :

Nunca vi tanto sangue derramado!

Todo o rochedo em sangue se inundava.

Mil regatos de sangue ao mar corrião.

Adiante diz :

E de nossos irmãos sangue escorrendo.

Depois :

E n'um lago de sangue revolvi-me.

Conclue essa sangria monstruosa com os dous versos seguintes :

De longe eu vi a ensanguentada rocha.

.
Lavado de suor, tinto de sangue.

E note, meu amigo, que esta descripção é feita por um selvagem, habituado aos combates mortiferos de massa e facape, e a quem por conseguinte essas idéas de sangue devião parecer naturaes, e não causar tanta impressão.

O canto termina com o discurso de Aimbire e os applausos com que foi saúdado pelos indios.

Esquecia-me, meu amigo, agradecer-lhe as honras de folhetim que deu a estas minha cartas : ellas não o merecem ; mas, como vão protegidas pela sua folha, talvez achem indulgência para a minha franqueza um pouco brusca.

Sei que terei censores ; o que lhe peço é que não se incommode em deffender-me : não sou poeta, já não tenho

obras a publicar, e por conseguinte exerço livremente o meu direito de critica.

Quando me retrucão com o costumado estribilho de *faça melhor*, respondo com uma theoria que me ensinou outr'ora o meu velho mestre de latim, acerrimo commentador de Virgilio e de Ovidio.

Disse-me elle um dia :

« Deus, querendo dar ao homem o dom da creação, como um fraco reflexo de seu divino poder, tomou uma faisca do fogo creador e dividiu-a em três átomos.

« O primeiro, o mais brilhante, porque era um átomo de luz, destinou-o aos poetas e aos genios ; o segundo, que era uma chispa de brasa, destinou-o aos criticos e aos litteratos ; o terceiro, que era um pó de carvão, deu-o ao vulgo.

« O genio pois inventa, faz apparecer a luz ; a critica dá-lhe vigor soprando e chegando o fogo a esta luz ; o resto dos homens alimentão esse fogo, dando-lhe o elemento de combustão, admirando. »

Isto me dizia o meu velho mestre ; achei que elle tinha razão, e tomei para mim uma das partes mais modestas d'esse germen creador, que Deus deu a todos os homens.

Aperto-lhe a mão de longe, meu amigo, já que não me quer dar o prazer de vê-lo por aqui, á sombra de minhas faias,

sub tegmine fagi.

quero dizer, á sombra das minhas mangueiras e de minhas latadas de jasmineiros.

Escreveríamos um poema, mas não um poema épico ; um verdadeiro poema nacional, onde tudo fosse novo, desde o pensamento até a fôrma, desde a imagem até o verso.

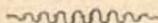
A fôrma com que Homero cantou os Gregos não serve para cantar os índios; o verso que disse as desgraças de Troya, e os combates mythologicos não pôde exprimir as tristes endeixas do Guanabara, e as tradições selvagens da America.

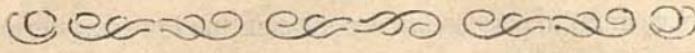
Por ventura não haverá no cahos increado do pensamento humano uma nova fôrma de poesia, um novo metro de verso?

Diga-me a sua opinião a este respeito; e adeus.

22 de Junho.

Ig.





Terceira carta.

alvez ainda se lembre, meu amigo, das nossas longas conversas de outr'ora, quando sentados no canto do meu terraço, ao cahir de uma bella tarde, com os olhos engolfados no azul profundo do horisonte, fallávamos de poesia, de arte, de belleza, e sobretudo das scenas magestosas da natureza de nossa terra.

O sol descambava no occidente, e reclinava-se sobre um leito de nuvens: os ultimos raios do occaso colorião de seus reflexos de ouro e purpura os vapores ligeiros, que deslisavão aos sopros da brisa da tarde.

Pouco a pouco a luz escasseava, as sombras se extendião sobre o horisonte, e o quadro brilhante e animado, ia-se desvanecendo como o panorama da bahia que foge rapidamente aos olhos do marinheiro levado por seu navio nas asas do vento.

D'ahi a alguns instantes, n'essa meia obscuridade, n'essa sombra vaga e indecisa, a lua despontando mostrava a sua bella face, roseada da luz do sol.

Ainda me lembro, meu amigo, de uma tarde em que, depois de conversarmos largamente sobre a poesia americana e brasileira, assistiamos a uma d'essas scenas tão simples e tão bellas da natureza tropical.

A lua assomou.

Lembrei-me da invocação de Chateaubriand, e murmurei: «E tu, raio das meditações, astro da noite, marcha diante de meus passos, atravez das regiões desconhecidas

do novo mundo, para esclarecer-me com tua luz os mysterios encantadores do deserto. »

Vós, meu amigo, me respondestes pelo canto dos indios, saudando o nascimento da lua ; canto que vale uma poesia pela ingenuidade e singeleza da expressão :

« A lua occulta o rosto sob o veô branco das nuvens ; está confusa, enrubece : é porque sahio do leito do sol. Assim há de corar a joven esposa no primeiro dia depois de suas núpcias ; e nós lhe diremos : — Deixa-nos ver teus olhos. »

Ao ler essas doces reminiscencias de bons tempos, talvez pergunte a si mesmo, meu amigo, a que proposito vêm ellas em uma carta que lhe prometti escrever sobre as impressões verdadeiras de minha leitura da *Confederação dos Tamoyos*.

Com effeito, á primeira vista parecer-lhe-á que pretendo abasar das columnas que me cedeu na sua fôlha para dar largas a velleidades de escriptor e fazer devaneios ; ou, o que é peor, que falhou-me a prosa de critico, e que por isso recorro á poesia como meio de encher papel.

Pois engana-se, meu amigo, se fizer semelhante juizo a meu respeito : o que evocou as recordações de nossas passadas conversas, foi justamente o poema do Sr. Magalhães, cuja leitura tenho continuado depois da ultima carta que lhe enviei ha dias.

Os dous cantos que há pouco acabei de ler levarão-me insensivelmente aquellas idéas, aquelles sonhos que tantas vezes desfolhamos juntos, e fizerão com que principiasse esta á guisa de romance sentimental, ou de memorias litterárias, do que sinceramente me arrependo.

« E porque, me perguntará talvez, o terceiro ou o quarto canto da *Confederação dos Tamoyos* lhe deo uma como

que sensação d'esses perfumes suaves, d'essas flores mimosas de nossa terra ; perfumes e flores que ainda não se podem colher senão no seio da natureza ?

« Encontrou ali alguma d'essas scenas arrebatadoras do crepúsculo da tarde, algum hymno melodioso das auras da noite, algum idyllio dos nossos campos silvestres, uma saudação á lua de nossa terra, ou uma descripção soberba do pôr do sol sobre as cumeadas das montanhas ?

« Sentiu palpar-lhe o coração já frio e indifferente com a lembrança de um d'esses amores poeticos e innocentes, que tem o céu por doce, as lianas verdes por cortinas, a relva do campo por divã, e que a natureza consagra como mãe extremosa, e como santa religião ?

« Sorriu-lhe de longe a imagem graciosa de uma virgem india, de *faces côr de jumbo*, de cabellos pretos e olhos negros, com o seu talhe esbelto como a haste de uma flor agreste, com suas formas ondulosas como a verde palma que se balança indolentemente ao sopro da brisa ? »

Não, meu bom amigo, não foi nada d'isto ; foi inteiramente o contrario. Lembro-me das cousas quando as não posso ter ; acho que o calor é uma estação admiravel, quando sinto os dedos enregelados de frio ; lamento não ter gosado os bellos dias, quando a chuva e a borrasca vêm toldar o céu limpido ; e antigamente, quando ia aos bailes e aos theatros, o divertimento só começava para mim no momento em que acabava para os outros.

Sou assim, é o meu genio, e por isso não deve estranhar que a *Confederação dos Tamoyos*, nos cantos terceiro e quarto me desse idéas poeticas, justamente pela ausencia d'ellas no livro que lia. Cada verso que recitava, cada pagina que voltava, era como uma folha, uma pétala que eu ia

arrancando á nossa bella natureza, representada sob a fórma de uma flôr.

Sim, meu amigo, a lua da nossa terra apparece no céu do Guanabara, entre a ramagem das árvores, aos últimos e pallidos clarões do dia, sem merecer do poeta nem uma saúdação, nem um canto ao astro das doces contemplações, á virgem do silêncio e da noite.

Quer ver o que se diz em três cantos de um poema nacional, a respeito da lua do Brasil, ao passo que se gastão tantos versos em descrever os pyrilampos e as fogoeiras? Veja, são apenas três versos :

*Momento é esse, em que no céu sereno
Plácida alveja a lua; e ao índio vate
Com pallido clarão branqueia o rosto.*

Se o astro da noite passou assim desapercibida para o poeta, a mulher, o astro da terra, não lhe inspirou todas as bellas imagens que devia despertar em sua alma um typo novo, um typo ainda não creado pela arte ou pela poesia.

Milton creou a sua Eva, Byron a sua Haydée, Ossian a sua Malvina, Chateaubriand a sua Atala, e Cooper a sua Cora; os Gregos crearão Venus, os Romanos Astartéa; todos os poetas e todos os artistas que inspirarão o seu gênio n'esse assumpto divino da mulher se esforçarão por crear alguma cousa.

Como Milton, como Ossian, como Chateaubriand, o Sr. Magalhães, escrevendo um poema nacional, estava obrigado a formar de sua heroína uma mulher que pudesse figurar a par d'essas imagens graciosas que a litteratura conserva, desde a Venus de Milos e a Helena dos Gregos, até a Fornarina de Raphael e a Armida do Tasso.

Deu á poesia um novo Deus e um novo mundo ainda não descobertos, e como Milton, devia crear a sua Eva indiana; descrevia os mythos de uma nova religião e de uma nova raça, e devia crear uma Venus como os Gregos; cantava como Ossian as tradições do sua pátria, e como elle, devia retratar na mulher as bellezas da natureza que o inspirava.

Entretanto a heroína do poema do Sr. Magalhães, é uma mulher como qualquer outra; as virgens índias do seu livro podem sahir d'elle e figurar em um romance árabe, chinéz, ou europeu; se deixassem as pennas de tocano que mal as cobrem, podião vestir-se á moda em casa de Mme. Barat e Gudin, e ir dançar a walsa no Cassino e no Club com algum deputado.

Veja se tenho razão ou não; é a descripção de Potira, uma virgem india, filha do heróe:

*Qu'inda não vi mais bella creatura.
Gestos mais senhoris, olhos mais negros.
Olhar mais terno, mais mimosa bocca,
Onde um sorriso meigo e pudibundo
Suave amor nos corações embebe.*

Talvez me censurem, meu amigo, pela maneira por que leio o poema do Sr. Magalhães; e julguem que prefiro notar aquillo que falta, á realçar o que há ahí de bom e de feliz; mas será uma injustiça que me farão.

O nome do poeta, a ideá de que elle ia cantar um assumpto nacional, a lembrança de que a sua intelligenza e o seu gosto se terião apurado na contemplação e no estudo dos modelos da arte européa, tornou-me difficil; e o mesmo que comigo aconteceu deve se ter dado com

todos aquelles que se occupão da litteratura e da poesia de nossa pátria.

Bem sei que o Sr. Magalhães não teve pretensões de fazer uma *Illíada* ou *Odisséa* americana; mas quem não é Homero deve ao menos procurar imitar os mestres; quem não é capaz de crear um poema, deve ao menos crear no poema alguma cousa.

O Sr. Gonçalves Dias, nos seus cantos nacionaes, mostrou quanta poesia havia n'esses costumes índios, que nós ainda não apreciamos bem, porque os vemos de muito perto. A poesia é como a pintura, cujos quadros devem ser olhados a uma certa distancia para produzirem effeito.

Ha tambem uma pequena nenia americana, uma flôr que uma penna de escriptor político fez desabrochar nos seus primeiros ensaios, e que para mim ficou como o verdadeiro typo da poesia nacional; ha ahí o encanto da originalidade, e como um écho das vozes mysteriosas de nossas florestas e dos nossos bosques. (*)

Se trago isto, é para mostrar que não sou exigente, e que tenho, como todo o leitor, o direito de, acabando de lêr um poema nacional, pedir ao poeta que o escreveu ao menos uma creação nova, que fique como a recordação agradável d'essas quatrocentas paginas inspiradas pela natureza, e escriptas longe da pátria, para melhor sentil-a e comprehendê-la.

Até aqui ainda não encontrei isso; a heroína do poema é, como já lhe disse, uma mulher que se chama Iguassú, e nada mais; o Sr. Magalhães, que viu na Itália os modelos da arte, não achou n'elles uma idéa do que devia ser a

(*) Esta nenia é do Dr. Firmino Rodrigues Silva á morte de seu amigo Francisco Bernardino.

belleza da mulher selvagem e inculta, a belleza creada nos campos como a flôr silvestre: não o censuramos por isso, notamos apenas a falta.

Entretanto o terceiro e o quarto canto têm algumas inspiraçoens felizes; a resposta de Aimbire ao joven Francez que lhe pede sua filha por esposa, é na minha opinião digna de Chateaubriand nos Natchez, ou em Atala:

*Se o sol deu sua côr aos teus cabellos
Como nos deu a pelle, tambem pôde
Com seus raios crestar a côr da lua,
Que afogueada brilha no teu rosto.*

A pintura do velho guerreiro inspirado, que entôa o cantico de guerra a Tupã, é bonita: de tudo o que tenho lido no poema é o unico ponto em que o poeta se elevou á altura do assumpto que cantava.

A comparação que há, na prece de Iguassú ao despedir-se do seu amante, me causou uma agradável impressão; achei que os lábios da virgem india devião ter com effeito dito esses versos simples, mas tão naturaes e tão lindos:

*. inda que forte,
Meu pai é como o tronco solitario
Que aos ventos resistiu das tempestades,
Mas abalado jaz, e pende, e murcha.*

Já é conhecido o canto da saúde, que para mim não vale a linda poesia de Bocage, tão repassada de melancolia; creio mesmo que o poeta imitou alguma cousa dos versos portuguezes, mas não foi bem succedido.

N'este canto, ou antes nos versos que o precedem, ha um em que julgo ter escapado por inadvertencia uma palavra em lugar de outra. Repito-lhe o verso, meu amigo, para que veja se me engano:

*Ah! docè é o cantar! remedio é prompto
Que d'alma aos seios sóbe e a mágoa abranda.*

Creio que o poeta escreveu ou teve intenção de escrever que *d'alma aos lábios sobe*, pois fallando-se de canto, isto è mais natural; *sobir d'alma aos seios* seria além de metaphysico, pouco poetico, porque naturalmente levava o espirito a procurar o lugar inferior, onde estaria a alma, para fazer a sua ascensão até os seios; e este lugar não podia ser senão o esophago.

A's vezes também encontrão-se no poema certas inadvertencias que não aponto como censuras, mas como pequenas incorrecções, e que o leitor frio e calmo póde melhor conhecer do que o poeta, todo entregue ás emoções do seu trabalho.

..... *mas de novo estanques*
Lágrimas brotão, que lhe o peito aljofrão,
Como goteja em bagas abundantes
Da fendida taboca a pura lymphã.

Lágrimas estanques é para mim uma phrase incomprehensivel. Diz-se que uma cousa está estanque quando foi esgotada, quando já não verte agua ou liquido; assim, diz-se que a fonte, que a bica estancou, que as lagrimas estancárão nos olhos, e seccárão: esta é a etymologia da palavra, e a significação que lhe dão os classicos.

Da fendida taboca é uma comparação que não tem o menor *simile*, nem na fórma, nem na côr; as gottas que distillão dos olhos da taboca, e resvalão lentamente como pérolas pelas suas folhas longas, pôde ter alguma semelhança com a lagrima que desliça trêmula pela face; mas não concebo como em um pedaço de taboca rachada, d'onde corre água, se pôde achar a imagem de uma das mais poéticas fraquezas da natureza humana.

Se o Sr. Magalhães queria uma comparação brasileira, podia servir-se d'essas pérolas que destillão os cajueiros de seus ramos nos tempos das primeiras águas, o que fazia dizer aos índios «que os cajueiros choravão pelos seus bellos fructos e pelas suas verdes folhagens.»

Desculpe-me, meu amigo, ia quasi esquecendo-me que a minha obrigação é ler, e não escrever; o dito por não dito: risque essas duas comparações que acabei de esboçar, e que de certo não valem a do poeta, apesar de não a comprehender.

No quarto canto repete ainda o Sr. Magalhães pela terceira vez a tradição indígena que dava ás águas do Carioca o dom de tornar doce e melodiosa a voz d'aquelles que a bebião; tradição que entre parenthesis não tem provado muito bem.

..... *E as doces aguas*

Do saudoso Carioca, que suavisão

Dos cantores a vôz melodiosa.

De maneira que, fallando do Carioca, o poeta não tem outra cousa a dizer; não emprega nenhuma outra idéa, que não seja essa qualidade musical das águas do rio. Antes fizesse allusão á obra monumental com que depois

o conde de Bobadella dotou a cidade do Rio de Janeiro, e que ainda hoje figura entre as primeiras : seria mais uma belleza, e menos uma repetição.

Li um d'estes dias na sua fôlha um pequeno arauzel a respeito de poetas, de poemas, de Homeros, e Miltons, que me pareceu vinha com sobre-escripto a mim ; mas quem quer que seja que escreveu esse endereço tem tão má letra que não o entendi.

Eu sou franco, meu amigo, e tenho direito de exigir franqueza : já disse uma vez por tôdas, não tenho nome, nem reputação de litterato : o pouco que escrevi outr'ora já está esquecido ; mas tenho o meu *gosto litterario*, e julgo por elle aquillo que leio : se entenderem que penso mal, emendem-me.

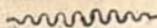
Retardei mais do que devia esta carta : o culpado foi S. João, o santo alegre e folgazão, que me fez voltar ao nosso bom tempo da juventude, áquelle tempo em que, mais ingênuos ou mais tolos do que hoje, julgavamos que os livros de sorte e os olhos de mulher, ou vice-versa, fallavam verdade.

Com sua licença, meu amigo, atirei foguetes ; é verdade que estava na sua regra — *extra muros urbis* — como dizião outr'ora os Romanos, phrase que hoje se traduz em portuguez clássico pela seguinte maneira — *além do ponto das gondolas*.

Todo seu.

28 de Junho.

Ig.





Carta Quarta.

 poesia, como todas as cousas divinas, não se define ;
uma palavra a exprime, porém mil não bastão para
explicá-la.

Conhece de certo, meu amigo, a página dourada que
Lamartine escreveu sobre este assumpto, pagina que para
mim é um hymno ; permitta-me que lhe lha um pequeno
trecho :

« A poesia, diz elle, é a encarnação do que o homem
tem de mais intimo no coração e de mais divino no pensa-
mento ; do que a natureza tem de mais bello nas imagens e
de mais harmonioso nos sons ! E' ao mesmo tempo o sen-
timento e a sensação, o espirito e a materia ; e por isso ella
fórma uma linguagem perfeita, que exprime o homem em
toda a sua humanidade, que falla ao espirito pela idéa, á
alma pelo sentimento, á imaginação pela imagem, e ao
ouvido pela musica. »

Escuso repetir-lhe o resto : não faço n'este momento um
estudo sobre a litteratura, e peço apenas ao grande poeta
francez a autoridade de seu nome illustre para proteger a
modesta opinião que desde muito tempo concebi a respeito
d'essa lingua sublime, « que foi o primeiro balbuciar da
intelligencia humana, e será o ultimo grito da criação. »

A poesia, para mim como para Lamartine, é ao mesmo
tempo a divindade e a humanidade do homem ; é essa cen-
telha de fogo sagrado, essa *mens divinior* que anima a
natureza, esse sopro celeste com que o Criador bafejou a

leia

argilla quando lhe imprimiu a fôrma humana ; é as azas brancas que Deus deu ao espirito para remontar ao céo.

O laço mysterioso que prende a alma ao corpo, a luta entre o espirito e a materia, a contradição de duas vidas oppostas, uma que aspira elevar-se ao seio do Creator, outra que se sente presa á terra,— eis a verdadeira origem da poesia.

E' por isso que, como diz Lamartine, a poesia deve fallar ao homem pelo pensamento, pela imaginação, e pelos sentidos ao mesmo tempo. O som, a fôrma, a côr, a luz, a sombra, o perfume, são as palavras inarticuladas d'essa linguagem divina, que exprime o pensamento cantando, sorrindo, e desenhando.

A descripção dos *rapsodes* gregos, que erão ao mesmo tempo poetas, musicos e actores, descripção que li quando ainda pouco me occupava de litteratura, ficou impressa para sempre no meu espirito como a verdadeira imagem da poesia ; depois, começando a lêr os grandes autores da antiguidade, ainda mais me confirmei na opinião de que o poeta deve ser necessariamente philosopho, pintor e músico.

Não fallo de Homero, meu amigo, pois apenas o conheço por traducções, das quaes dizem os Italianos com bastante razão *traduttore traditore* ; mas posso dizer alguma cousa de Virgilio, meu livro predilecto, que tem sempre nas suas paginas alguma nova belleza, ainda desconhecida, a revelar-me.

Um só verso de Virgilio é uma poesia inteira ; sinto n'elle um pensamento elevado, vejo uma fôrma encantadora, e ouço uma cadencia doce e harmoniosa : n'esses cantos inimitaveis do cysne de Mantua, a idéa tem a sua melodia, o seu relevo, uma côr e uma sensação propria.

Racine, o Virgílio moderno, não conseguiu elevar-se á altura do mestre ; seu verso é sempre suave e melodioso, e não reflecte nos tons e na cadência a expressão íntima do pensamento : embora o espirito se inflamme e se arrebate, as palavras correm brandamente como lagrimas que deslisão, ou resôão como suspiros que se exhalão.

Victor Hugo é o poeta da fôrma brilhante ; quando leio algumas paginas de suas odes, parece-me que me sinto de repente senlado a um canto da officina do Tentoretto, ou do gabinete de Benvenuto Cellini, e que vejo o pintor e o esculptor traçar com o pincel ou com o buril um quadro ou um baixo-relêvo ; a luz scintilla formando claros e escuros, a côr reflecte os seus raios cambiantes, tudo se anima, vive e surge do nada, ao aceno do genio creador.

Victor Hugo teria sido um Ticiano, se não fosse o autor das *Orientaes*, dos *Cantos do Crepusculo* e das *Contemplações*, se não fosse Victor Hugo : o poeta teria sido um grande pintor, se em vez da penna, que o seu anjo da guarda arrancou de suas aças para dar-lhe, elle tivesse encontrado no seu caminho uma palhêta e um pincel.

Lamartine tem mais simplicidade na fôrma : menos brilhante, porém mais sentimental, faz-me recordar d'esses painéis antigos, onde as imagens apparecem sempre envoltas n'uma tenue obscuridade, n'uma sombra ligeira, que realça a poesia do quadro ; é um pintor de uma outra escola, que desdenha o uso excessivo das côres vivas, e prefere esboçar a *crayon* uma idéa que falla mais á alma do que aos olhos e á imaginação.

Perdão, meu bom amigo ; esquecia-me que lhe escrevo uma carta, na qual é impossível dar lugar a todos os nomes de poetas que têm direito a uma palavra ao menos ; mas

creio que deve ter comprehendido o pensamento que me obrigou a traçar, bem que ligeiramente, o cunho particular d'aquelles que acabei de apontar.

Quiz ainda mais confirmar a verdade da opinião que enunciei a princípio. A poesia, a pintura e a música são três irmãs gêmeas que Deus creou com um mesmo sorriso, e que se encontram sempre juntas na natureza: a fôrma, o som e a côr são as três imagens que constituem a perfeita encarnação da idéa; faltando-lhe um d'esses elementos, o pensamento está incompleto.

Para mim, meu amigo, essa assimulação, ou antes essa união da poesia, da música e da pintura, é tão clara, que encontro sempre na história o mesmo gênio nas suas tres grandes revelações; que sinto igual impressão lendo um livro, vendo um quadro ou uma estatua, e ouvindo uma ópera.

Homero, Miguel Angelo e Rossini, é o mesmo homem, ora poeta, ora esculptor, ora músico; Virgilio, Donizetti e o Ticiano, é a mesma trindade poetica e artistica; Shakspeare, o Veroneso e Meyerbeer, são tres transformações de um só gênio; Pindaro, Raphael e Verdi, é o mesmo lyrismo na poesia, na pintura e na música,

Lêa uma pagina da *Illiada*, veja a estatua de *Hercules*, ouça uma ária do *Moysés* ou de *Guilherme Tell*, e ha de sentir, como eu sentia outr'ora, meu amigo, a mesma emoção. *Dido*, a *Favorita*, e a *Magdalena*, é para mim uma só fôrma de mulher representada por tres maneiras; *Hamlet*, *Assuerus* e *Roberto do Diabo* são quasi irmãos; os cantos do poeta grego, os quadros de Raphael, e as melodias do Trovador e do *Rigoletto*, são odes em versos, em côres, e em notas.

Eis como eu comprehendo a poesia, e como a estudo n'um poema ou n'um livro de versos ; quero vêr, sentir e ouvir o pensamento do poeta que falla por esta triplice phrase da razão, do coração e dos sentimentos ; e confesso-lhe que, quando leio um trecho que me satisfaz, experimento uma como que sensação voluptuosa.

Agora, meu amigo, que supponho ter definido bem claramente a minha idéa, ou antes a idéa de Lamartine, volto á *Confederação dos Tamoyos*, que foi o thema de todas essas variações ; e sinto que seja para annunciar-lhe que, se o livro chama-se um poema, o poema não é de certo uma poesia.

Acabei de lêr o décimo canto, e embora não me proponha escrever-lhe hoje todas as observações que me suggeriu o resto da leitura ; embora não tencione occupar-me n'esta carta senão de dous ou tres cantos, posso já dizer-lhe que o fim corresponde ao principio : é a mesma tibieza de pensamento, a mesma pallidez de imagens, o mesmo desalinho e incorrecção de fórmas.

O Sr. Magalhães nem conservou a simplicidade antiga, a simplicidade primitiva da arte grega ; nem imitou o caracter plástico da poesia moderna : desprezando ao mesmo tempo a singeleza e o colorido, quiz ás vezes tornar-se simples e fêz-se arido, quiz outras vezes ser descriptivo e faltarão-lhe as imagens.

Pergunto-me a mim mesmo qual foi o *bello* que o poeta procurou desenhar no seu poema, e sinceramente não sei responder. Não foi o *bello* do pensamento, porque deixou tudo quanto podia engrandecer o seu assumpto e a história nacional ; não foi o *bello* physico, porque a natureza brasileira ahí apparece como uma virgem vendada, á qual o

poeta não se animou a erguer o véo de prosaísmo que alguns versejadores lhe lançarão sobre o rosto ; não foi o *bello* do sentimento e do coração, porque todas as paixões do seu livro são apenas *attestadas*, e não *descriptas*.

A prova do que digo, meu amigo, é facil de obter ; lêa o poema, se as suas occupações lhe deixão tempo, e verá que a idéa essencial é uma luta dos índios com os Portuguezes, variada por alguns episódios. A propósito de um sonho de que lhe fallarei depois, há uns traços da nossa historia até a actualidade ; mas a descoberta da América e do Brasil, e sobretudo a sublime religião de Christo conquistando palmo a palmo a fé dos selvagens, esse novo apostolado dos missionários de Deus caminhando ao martyrio, são cousas que não valem a pena de mais um canto.

Pelo que toca ao *bello* do sentimento, que paixões há no poema ? O amor da patria e da liberdade, porém o amor sem elevação e sem dignidade, mais produzido pelo egoísmo do que por este sentimento divino que inspirou tão bellos versos a muitos poetas antigos e modernos : sobre as outras paixões, a palavra de que há pouco me servi exprime-as perfeitamente ; o Sr. Magalhães *attesta* que Aimbire e Iguássú se amão, que o heróe do poema chora seu pai, que a heroína tem saudades do seu amante, e nada mais.

Quanto ao *bello* da natureza, ao *bello* plastico. escuso repetir-lhe o que já lhe disse nas minhas cartas passadas, e especialmente na última ; mas, como sei que algumas pessoas desculpão o poeta n'este ponto, desejo esclarecer uma questão de arte, que interessa muito a litteratura patria.

De ha algum tempo se tem manifestado uma certa tendencia de reacção contra essa poesia inçada de termos indígenas, essa escola que pensa que a nacionalidade da

litteratura está em algumas palavras: e reacção é justa, eu também a partilho, porque entendo que essa escola faz grande mal ao desenvolvimento do nosso bom gosto litterario e artistico, a |

Mas o que não partilho, e o que acho fatal, é que essa reacção se exceda; que em vez de condemnar o abuso, combata a cousa em si; que em lugar de ^{estigmatizar} ~~stigmatizar~~ alguns poetastros que perdem o seu tempo a estudar o dictionario indigena, procure lançar o ridiculo e a zombaria sobre a verdadeira poesia nacional.

Esses que assim procedem tem uma idéa que não posso admittir; dizem que as nossas raças primitivas são raças decabidas, que não têm poesia nem tradicções; que as línguas que fallavam são barbaras e faltas de imagens, que os termos indigenas são mal sonantes e pouco poéticos; e concluem d'aqui que devemos ver a natureza do Brasil com os olhos do europeu, exprimi-la com a phrase do homem civilisado, e senti-la como o individuo que vive no doce *comfortable*.

Eis, meu amigo, um paradoxo em litteratura, um sophisma com que nos procuramos illudir por não termos tido ainda um poeta nacional. Eu desejava que *Child-Harold*, na sua peregrinação, tivesse sido arrojado pela tempestade n'uma praia do Brasil, e que, em vez de Haydéa, tivesse encontrado Lindoia ou Moema: desejava ardentemente isto, para dar um desmentido áquelles que entendem que a nossa natureza não é bastante rica para crear ella só uma epopéa.

E a propósito, lembro-me que para nós filhos d'esta terra não há arvore talvez mais prosaica do que a banana, que cresce ordinariamente entre montões de cisco,

em qualquer quintal da cidade, e cujo fructo nos desperta a idéa grotesca de um homem apalermado ou de um alarve

Pois bem, meu amigo, recorde-se de Paulo e Virginia, e d'aquellas bananeiras que crescião perto da choupana, abrindo seus leques verdes ás auras da tarde, e veja como Bernardin de Saint-Pierre soube dar poesia a uma cousa que nós consideramos como tão vulgar.

Eugène Pelletan, n'uma obra bem conhecida como um primor de estylo, descreve essa *gotta de leite* que a Providência depoz no seio da natureza, e elevou com uma phrase o fructo mais prosaioco do mundo á altura dos pécegos dourados, das maçãs roseadas, das laranjas da Andaluzia, e das tamaras dos desertos.

Chateaubriand no *Genio do Christianismo* achou uma fonte de poesia inesgotavel descrevendo a delicadeza do sentimento da maternidade no jacaré, em um reptil monstruoso e disforme : Virgílio escreveu um poema sobre um mosquito, e Buffon na sua historia natural é um poeta que faz um pequeno poema sobre cada animal, cada ser da criação, ainda mesmo aquelles que nos parecem os mais despreziveis.

Em tudo pois há poesia, comtanto que se saiba vibrar as cordas do coração, e fazer scintillar esse raio de luz que Deus deixou impresso em todas as cousas, como o cunho de seu poder creador ; em tudo há o *bello*, que não é outra cousa senão o reflexo da divindade sobre a materia.

Mas aquelles que até hoje têm explorado a litteratura nacional, em vez de procurar o bello nas cousas, julgão que o achão em duas ou três palavras indigenas, em uma meia dúzia de costumes selvagens; e atirão aos leitores

essa palavra e esse costume, deixando a cada um a liberdade de ir procurar na sua imaginação a poesia que occulta esse *mytho* indecifrado da litteratura pátria.

Por exemplo, o Sr. Magalhães refere alguns costumes e tradições indígenas geralmente conhecidas, como sejam a arte de tirar fogo de dous lenhos seccos, o habito do pai guardar o resguardo quando nascia o filho, ao passo que a mãe entregava-se á vida activa; a tradição de *Tamandaré* e do diluvio, e a lembrança que conservavão da peregrinação de *Sumé*, cujas pegadas dizião encontrar-se em diversos lugares do Brasil.

Esses mesmos costumes e lendas achão-se, com alguma differença de palavras, no *Caramurú* de Santa Rita Durão, o qual as bebeu nos nossos chronistas, d'onde as tirou o Sr. Magalhães: o poeta contentou-se em referil-as como o versificador mineiro, e não se deu ao trabalho de vestil-as e ornal-as com as bellas imagens que desperta sempre a cosmogonia de um povo, por mais barbaro que elle seja.

Devo porém confessar que, no meio da tendência da época, um homem ao menos protesta hoje contra ella; e esse é um poeta: fallo do Sr. Gonçalves Dias, metrificador perfeito, alma entusiasta e inspirada, que soube comprehender os thesouros que a nossa patria guarda no seu seio fecundo para aquelles de seus filhos que reclinar a cabeça sobre o regaço materno.

Mas o que é admiravel, meu amigo, é que o Sr. Magalhães, que pouco se importa com a religião dos índios e com suas crenças; que as refere de passagem, mas não faz d'ellas o objecto do seu poema; que não lhes dá o menor prestigio e a menor illusão; lá um momento em que lhe aprouve, no quarto canto, pôz em scena um *pagé*, que em virtude

de algumas palavras mysteriosas fez subir ao sétimo céu uma tagapema, isto é, uma clava de soffrivel peso e dimensão.

E o autor depois continúa muito naturalmente, sem dar explicação do facto, que ninguém comprehende, porque no seu poema começa por desacreditar esse Tupã e esses *Pagés*, de que falla tão ligeiramente, e que entrelanto revelão depois um poder divino e miraculoso.

Se o Sr. Magalhães queria usar d'esse ornato da epopèa, e misturar o sobrenatural á acção do seu drama, devia desde o começo ter-se collocado n'esta altura, como fizerão Homero, Virgílio, Dante, Camões, o Tasso, Ariosto, e todos os poetas que se têm servido do maravilhoso; mas começar uma acção simples, uma acção unicamente humana, e depois apresentar sem proposito um facto iúverosímil e contra a razão, é indesculpavel.

Outra cousa que ainda mais me sorprehendeu foi que o poeta, tratando de duas religiões oppostas, cahiu em uma contradição completa: a superstição dos índios produz um milagre, a religião christã apenas consegue crear um sonho, isto é, um facto commum e vulgar.

Refiro-me ao sonho de Jagoanharo na casa de Tiberiá. O índio embalando-se em uma rede sonha que S. Sebastião lhe apparece, o leva ao cimo do Corcovado, e d'ahi lhe mostra a cidade do Rio de Janeiro e todos os grandes acontecimentos que se passarão n'ella, desde a sua fundação até a maioridade do Imperador.

Essa imagem de um homem que se deita n'uma rede para dormir, e que começa a se balançar e a sonhar, não tem nada de poetico. O sonho de Enéas em Virgílio e da Athalia de Racine merecião uma mais bella imitação: no

Uruguay mesmo ha uma visãõ de mais bonito effeito do que este episodio da *Confederaçãõ dos Tamoyos*.

Quanto á parte historica d'este sonho, esperava mais lindos versos, e mais elevados pensamentos sobre a conquista do Brasil e sobre o futuro brilhante de nossa patria : como este esboço frio já tínhamos um no poema da *Assumpção* de frei S. Carlos, que, se não comprehende os factos modernos, é mais completo no que diz respeito aos tempos coloniaes.

O que porém nunõa perdoarei ao Sr. Magalhães é o ter deixado passar pelo seu poema, como uma sombra vaga e esvanecida, aquelle vulto magestoso de José de Anchieta, aquelle apóstolo digno de ser cantado por Homero, e esculpido por Miguel Angelo ; o heroe missionario, que dava thema a uma grande epopéa, representa apenas no poema o papel de um *bom frade*.

E note, meu amigo, que se ha vida que esteja intimamente ligada a toda essa época, se ha homem que tenha tomado uma parte mais importante nos acontecimentos que precederãõ a expulsãõ dos Francezes e a fundaçãõ do Rio de Janeiro, é de certo esse simples frade que na porta da igreja de S. Vicente dirige algumas palavras de consolação a Jagoanharo.

Cumpre tambem que lhe diga que até o fim do sétimo canto Aimbire apenas fez de notavel o seguinte.—um discurso no conselho e uma frechada na tagapema, milagrosamente elevada ás nuvens, é claro pois que o Sr. Magalhães não soube ligar á acção épica a acção do seu heroe ; o poema corre sem elle, e caminha ao seu fim abandonando o protagonista.

Concluirei esta, meu amigo, pedindo-lhe que me des-

culpe os vãos que tomei remontando-me ao verdadeiro espirito da poesia moderna, tal como a descrevem Chateaubriand e Lamartine. A *auræ scintilla* não quiz dar uma chispa de seu fogo celeste aos bicos de minha penna, e por isso não há remedio senão admirar os raios luminosos que lanção aquelles a quem Deus fez poetas.

Demais, era preciso isto para animar-me a pronunciar o meu juizo definitivo sobre a *Confederação dos Tamoyos*. Se errei n'elle tenho ao menos a autoridade de dous mestres em matéria de litteratura.

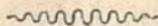
Adeus, meu amigo; um d'estes dias lhe mandarei a a minha última carta, se o *spleen* com que estou não continuar. Não é só na cidade que se sente o tédio e o aborrecimento; é também na solidão.

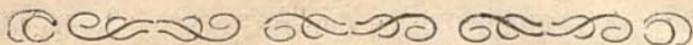
Há duas sublimes enfermidades do espirito humano, a *sãuidade* e a *nostalgia*, uma é a lembrança da pátria, outra é a lembrança do passado: como se chamará a *sãuidade* que se tem das illusões perdidas que por muito tempo encantarão a nossa existencia, a *nostalgia* que sente o homem longe do mundo que sonhou?

Padeço d'esta enfermidade, e por isso não sei quando continuarei. Adeus.

5 de julho.

Ig.





Ultima carta.

Meu amigo.

Expliquei-lhe na minha carta passada, e da melhor maneira que me foi possível, a minha idéa sobre a poesia. A palavra, esse dom celeste que Deus deu ao homem e recusou a todos os outros animaes, é a mais sublime expressão da natureza; ella revela o poder do Créador, e reflecte toda a grandeza de sua obra divina.

Incorporea como o espirito que a anima, rápida como a electricidade, brilhante como a luz, colorida como o prisma solar, communica-se ao nosso pensamento, apodera-se d'elle instantaneamente, e o esclarece com os raios da intelligência que leva no seu seio.

Mensageira invisível da idéa, íris celeste do nosso espirito, ella agita as suas azas douradas, murmura ao nosso ouvido docemente, brinca ligeira e travessa na imaginação, embala-nos em sonhos fagueiros, ou nas suaves recordações do passado.

Reveste todas as fórmas, reproduz todas as variações e *nuanças* do pensamento, percorre todas as notas d'essa gamma sublime do coração humano, desde o sorriso até a lagrima, desde o suspiro até o soluço, desde o gemido até o grito rouco e agonizante.

As vezes é o burril do estatuário, que recorta as fórmas graciosas de uma criação poética, ou de uma cópia fiel da natureza: aos retoques d'esse cinzel delicado a idéa se

anima, toma um corpo, e modela-se como o bronze ou como a cêra.

Outras vezes é o pincel inspirado do pintor que faz surgir de repente do nosso espirito, como de uma tela branca e intacta, um quadro magnifico, desenhado com essa correcção de linhas e esse brilho de colorido que caracterisam os mestres.

Muitas vezes tambem é a nota solta de um hymno, que resôa docemente, que vibra no ar, e vae perder-se além no espaço, ou vem afagar-nos brandamente o ouvido, como o êcho de uma música em distancia.

A sciencia tem n'ella o seu escalpello, com que faz a autópsia do erro, descarna-o dos sophismas que o occultão, e mostra-o claramente áquelles que illudidos por falsas apparencias, julgão vêr n'elle a verdade.

O sentimento faz d'ella a chave dourada que abre o coração ás suaves emoções do prazer, como o raio do sol que desata o botão de uma rosa cheia de viço e de fragrância.

A justiça deu-a á innocencia como a sua arma de defesa, arma poderosa e irresistivel, que tantas vezes tem suspendido o cutello do algoz, e quebrado as pesadas cadeas de ferro de uma masmorra.

Para o tribuno é uma alavanca gigantesca com que desloca as immensas moles do povo, e atira-as de encontro ás columnas do edificio social, que estremece, vacilla e se abate ao peso d'essas massas impellidas por um poder quasi sobre-humano.

Eis o que é a palayra, meu amigo : simples e delicada flôr do sentimento, nota palpitante do coração, ella pôde elevar-se até o fastigio da grandeza humana, e impôr leis

ao mundo do alto d'esse throno, que tem por degrão o coração, e por cúpola a intelligência.

Assim pois, todo o homem, orador, escriptor, ou poeta, todo o homem que usa da palavra, não como um meio de communicar as suas idéas, mas como um instrumento de trabalho; todo aquelle que falla ou escreve, não por uma necessidade da vida, mas sim para cumprir uma alta missão social; todo aquelle que faz da linguagem, não um prazer, mas uma bella e nobre profissão, deve estudar e conhecer a fundo a força e os recursos d'esse elemento de sua actividade.

A palavra tem uma arte e uma sciencia: como sciencia, ella exprime o pensamento com toda a sua fidelidade e singularidade; como arte, reveste a idéa de todos os relevos, de todas as graças, e de todas as fórmas necessarias para fascinar o espirito.

O mestre, o magistrado, o padre, o historiador, no exercicio do seu respeitável sacerdocio da intelligencia, da justiça, da religião e da humanidade, devem fazer da palavra uma sciencia; mas o poeta e o orador devem ser artistas, e estudar no vocabulário humano todos os seus segredos mais íntimos, como o músico que estuda as mais ligeiras vibrações das cordas de seu instrumento, como o pintor que estuda todos os effeitos da luz nos claros e escuros.

Acaso, meu amigo, chamará poeta a um homem que, usando da linguagem sem arte, que, desprezando todas as bellezas do estylo, como fez o Sr. Magalhães, apresenta-nos milhares de versos sem harmonia, sem cadência, sem metrificacão?

O verso é a melodia da palavra, como a música é a

melodia do som: escreva uma multidão de notas sem ligação e sem regra, e fará uma escala, mas não uma harmonia: junte muitos termos sem euphonia, sem modulação, e corporá uma phrase de certo número de syllabas, porém nunca um verso.

O Sr. Magalhães no seu poema da *Confederação dos Tamoyos* não escreveu versos; alinhou palavras, mediu syllabas, accentuou a lingua portugueza á sua maneira, creou uma infinidade de sons cacophonicos, e desfigurou de um modo incrível a sonora e doce filha dos Romanos poetisada pelos Arabes e pelos Godos.

Se eu quizesse fazer citações para confirmar a verdade de meu dito, teria de transcrever aqui todo o poema, com excepção de bem poucos trechos; e isto seria um trabalho, além de enfadonho, desnecessario, visto que o livro já corre por todas as mãos, e póde ser lido facilmente por aquelles que duvidarem de meu juízo. (*)

Permitta-me porém, meu amigo, que volte ao que lhe dizia em princípio, a respeito do homem que faz da palavra uma profissão. De certo é uma missão elevada a de dar a essa criação impalpavel o poder quasi divino de impellir e arrastar a força bruta e inerte.

Entretanto ainda isto não é tudo: quando o homem falla ou escreve a sua convicção, a consciencia da verdade lhe serve de inspiração, e transluz na sua linguagem como um reflexo da razão absoluta: o orador, o poeta e o escriptor são apóstolos da palavra, e prégão o evangelho do progresso e da civilisação.

Mas quando o homem, em vez de uma idéa, escreve um poema; quando da vida do individuo se eleva á vida de um

(*) Notas.

povo; quando, ao mesmo tempo historiador do passado e profeta do futuro, elle reconstrue sobre o nada uma geração que desapareceu da face da terra para mostral-a á posteridade, é preciso que tenha bastante confiança, não só no seu génio e na sua imaginação, como na palavra que deve fazer surgir esse mundo novo e desconhecido.

Então já não é o poeta que falla; é uma época inteira que exprime pela sua voz as tradições, os factos e os costumes; é a história, mas a história viva, animada, brilhante como o drama, grande e magestosa como tudo que nos apparece a través do duplice véo do tempo e da morte.

Se o poeta que intenta escrever uma epopéa não se sente com forças de levar ao cabo essa obra difficil; se não tem bastante imaginação para fazer reviver aquillo que já não existe, deve antes deixar dormir no esquecimento os fastos de sua pátria, do que expôl-os á indifferença do presente.

Não se evocão as sombras heroicas do passado para tirar-lhes o prestígio da tradição; não se põe em scena um grande homem, seja elle missionário ou guerreiro, para dar-lhe uma linguagem imprópria da alta missão que representa.

E entretanto, meu amigo, é isto o que noto em todo o poema do Sr. Magalhães: Anchieta, Nobrega, Mem de Sá, Salvador Correia, Tiberiá não se conservão no poema nem mesmo na altura da história, quanto mais da epopéa; Aim-bire é um índio valente, mas não é de certo um heróe.

Satanaz, o espirito decahido, que o poeta no oitavo canto pretendeo fazer entrar na acção, fica como que por detraz da cortina; é um actor que não sahê dos bastidores, ou antes, uma especie de contra-regra que faz mover os comparças.

Ha um lugar do poema, sobretudo, em que o Sr. Magalhães mostrou que não conhecia essa arte da palavra de que há pouco fallamos: é no momento em que os dous missionarios, acolhidos no campo dos Tamoyos, são ameaçados pelos indios.

Nobrega e Anchieta rezavão, quando entra Parabuçu resolvido a matá-los: os padres, com a resignação de martyres que se sacrificão a uma causa santa, esperão a morte tranqüillamente; essa fé robusta, essa placidez de homens que encarão sorrindo o perigo, impõe respeito ao selvagem, que não se atreve a consummar o seu crime.

O lance é bonito, e um poeta podia tirar d'elle um effeito magnífico, se soubesse dar-lhe o sentimento, a energia e a expressão que falta no poema, no qual elle passa desapercibido por causa da maneira vulgar e commum com que é traçado.

Com effeito, na occasião em que a morte o ameaçava, em que a corõa do martyrio cingia já a sua cabeça jôven e ardente, Anchieta, o missionario poeta, o apóstolo que convertia os selvagens á fé pela força de sua palavra inspirada, não teve outra cousa a dizer senão esses versos:

« *Eia, Parabuçu! Eis-nos immóveis;*
« *Bem nos podes matar como quizeres.* »

Esse bem nos podes, e sobretudo esse como quizeres, comparado com a situação, é quasi comico, e revela uma pobreza de linguagem e de sentimento intoleravel em um poema: mesmo n'um romance o leitor o mais indulgente exigiria mais nobreza e dignidade nas palavras proferidas pelo santo missionario n'esse momento supremo.

Mem de Sá, Estácio de Sá, Salvador Correia, os funda-

dores e o primeiro alcaide do Rio de Janeiro, não merecem uma página do poema; entram apenas como partes mudas no fim da representação, para assistirem ao desfecho. O Sr. Magalhães prefere occupar-se com um certo Brás Cubas, a propósito de um episódio de vingança, do que descrever-nos esses bustos históricos, que a par de Martin Affonso, formão o frotestpicio da primeira cidade da América do Sul. /m

Tiberiçá era um bello typo que o poeta esboçou toscamente, sem aproveitar toda a riqueza de sentimento e de paixões que lhe offerecia essa natureza virgem, e essa fé ainda recente, mas profunda e inabalável: a luta de sua nova crença com as affeições do passado, essa repulsão mútua da religião e da família, não despertão nenhuma idéa, nenhum lance feliz; o Sr. Magalhães fêz, ao contrario, uma criação monstruosa: Tiberiçá convertido, é um selvagem da religião, como antes tinha sido um selvagem da liberdade.

Elle prepara-se a combater seu irmão sem o menor abalo; mata seu sobrinho sem nenhuma emoção; vê impassível os seus antigos companheiros cahirem mortos na batalha, ou soffrerem o castigo de escravos: tudo isto lhe é indifferente, a religião parece ter abafado em seu coração todos os nobres sentimentos, e até essa voz do sangue, esse vínculo poderoso que liga os homens da mesma família e da mesma raça.

E', como disse, meu amigo, um selvagem christão, um verdadeiro fanático: o Sr. Magalhães receiou rebaixar o typo do indio, e dar lugar a que se duvidasse da sua fé, fazendo fallar n'elle alguma vez um impulso nobre e generoso; e por isso tomou o partido de dar ao seu heróe

um carácter, que estou certo não ha de merecer muita sympathy.

Quanto a Aimbire, que nos seis primeiros cantos representa um papel bem insignificante, no fim do poema revela uma irresolução e uma fraqueza de espirito que não assenta no protagonista de uma grande acção: vou dar-lhe dous ou tres exemplos, que confirmão essa minba observação.

O chefe dos Tamoyos, sequioso de vingança pelo captivo de sua amante; disposto a fazer aos Portuguezes uma guerra de morte; possuido d'esse odio violento que o poeta descreve no canto oitavo (*), ataca de improviso S. Vicente: parece-lhe que vae arrasar tudo a ferro e fogo.

Pois bem: no mais forte do combate, Anchieta, por uma inspiração, cuja causa e cujo fim é um segredo que o Sr. Magalhães não entendeu dever revelar aos seus leitores, vem entregar Iguassu ao seu amante: immediatamente sôa o signal da retirada, que *ainda hoje* não se sabe quem deu; e Aimbire, apesar do seu odio e da sua vingança, retira-se muito satisfeito, e vae casar-se.

Depois parece ainda firme nos seus sentimentos hostis, e declara que nunca fará paz com os Portuguezes, a quem tem em conta de mãos e traidores (**); mas chegam Anchieta e Nobrega, e sem o menor trabalho resolvem o chefe a aceitar a paz, comtanto que o deixem gozar tranquillamente de suas terras do Guanabára.

Não é tudo ainda: Anchieta insiste, porque, além da paz, quer a conversão dos índios; toma então a palavra um francez protestante, e oppõe-se ao projecto do missionario; Aimbire zanga-se, e não quer mais a paz, não promette nada mais, e exige a entrega dos prisioneiros.

(*) Pagina 247.

(**) Canto 9.º, pag. 273.

Estou longe, meu amigo, de pretender que Aimbire fosse sabio como Ulysses, e prudente como Enéas; mas é innegavel que a fraqueza de character, a indecisão, não é propria de um herôe, sobretudo de um herôe de poema, cuja vontade deve dominar toda a acção dramática ou historica.

Não cuide que fiz autopsia de todos os personagens do livro do Sr. Magalhães, que os descarnei para fazer sobre elles um estudo de anatomia litteraria; apresentei-os taes como os encontrei, simples esqueletos, arcabouços informes, que o poeta não quiz tomar o trabalho de encarnar, e deixou na sua nudez chronística ou tradicional.

Responda-me agora, meu amigo, se eu tinha ou não razão em dizer-lhe que era impróprio de um poeta arrancar do pó e das ruínas do passado esses bustos nacionaes para amesquinhal-os e fazêl-os descer do pedestal em que a nossa história os collocou.

Estou bem persuadido que se Walter Scott traduzisse esses versos portuguezes no seu estylo elegante e correcto; se fizesse d'esse poema um romance, dar-lhe-ia um encanto e um interesse que obrigarião o leitor que folheasse as primeiras paginas do livro a lê-lo com prazer e curiosidade.

Emfim, meu bom amigo, é preciso concluir esta correspondencia, que já está em quinta carta. Acho escusado, depois do estudo moral que acabei de fazer, descer a pequenas cousas, como algumas que já tive occasião de referir-lhe: o Sr. Magalhães chega até a comprar a sua heroína *indiana* com um *lyrio* (1).

Não posso porém deixar de citar-lhe um verso, irmão de muitos outros, um verso que assentaria bem em alguma

(1) Pag. 287, canto 9.º

satyra de Nicoláo Tolentino, mas que um prosador, por pouco amor que tivesse ao seu estylo, não o admittiria em uma descripção poetica.

Eis o verso :

« *Pelos mandiocaes e milharadas.* »

Felizmente, terminando essas observações, em que talvez fosse severo, mas em que a minha consciencia não me accusa de haver sido injusto, tenho a satisfação de apontar um verdadeiro trecho de poesia que li no poema : é a descripção do luar na praia de Iperohy, quando Anchieta com a ponta de seu bastão escrevia sobre a arêa os versos latinos do poema da Virgindade de Maria.

Senti que o poeta, tendo aproveitado este facto historico, desprezasse inteiramente a causa que deu lugar a elle, e que todos sabem ser o desejo de fortalecer-se e resistir á tentação das virgens índias, que, segundo o costume selvagem, constituíam um dos deveres sagrados da hospitalidade.

Essa castidade do voto, essa pureza ascética em luta com os instinctos do homem, com a seducção a mais forte e a mais poderosa, pois era a seducção da innocência, deu a Anchieta a idéa de cantar na língua de Horacio a virgindade de Maria, entretanto que ao Sr. Magalhães não despertou sequer um ligeiro episodio !

Adeus, meu amigo ; volto de novo ao meu socêgo, e ao meu *dolce far niente*, do qual não devia ter sahido. Estou farto de desillusões, e esta última veio fazer-me quasi descrey da esperanza que tinha de poder um dia trilhar a devesa florida que os mestres abrirão na poesia e na litteratura pátria a essa mocidade ardente, cheia de seiva e de

vida, que por falta de um nobre impulso patinha na prosa de *macadão*, e escreve versos para os álbuns e os dias de annos.

As letras devem ter o mesmo destino que a politica. Já que os homens de experiência e de talento pararão na sua carreira, como os marcos milliares de uma época que passou, é necessário que a mocidade transponha a barreira, se apodere de todas as forças da sociedade, inocule n'ellas o seu novo sangue e a sua nova seiva, como as aguas do Nilo, que fertilisam com o seu limo as margens inundadas pelas suas aguas.

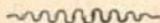
Agora, meu amigo, resta-me avisal-o de uma cousa: por sua causa escrevi essas cartas; toca-lhe portanto a defesa d'ellas. Ahí lhas deixo com todos os seus erros e sensaborias: quanto a mim, retiro-me da liça, sempre de viseira baixa.

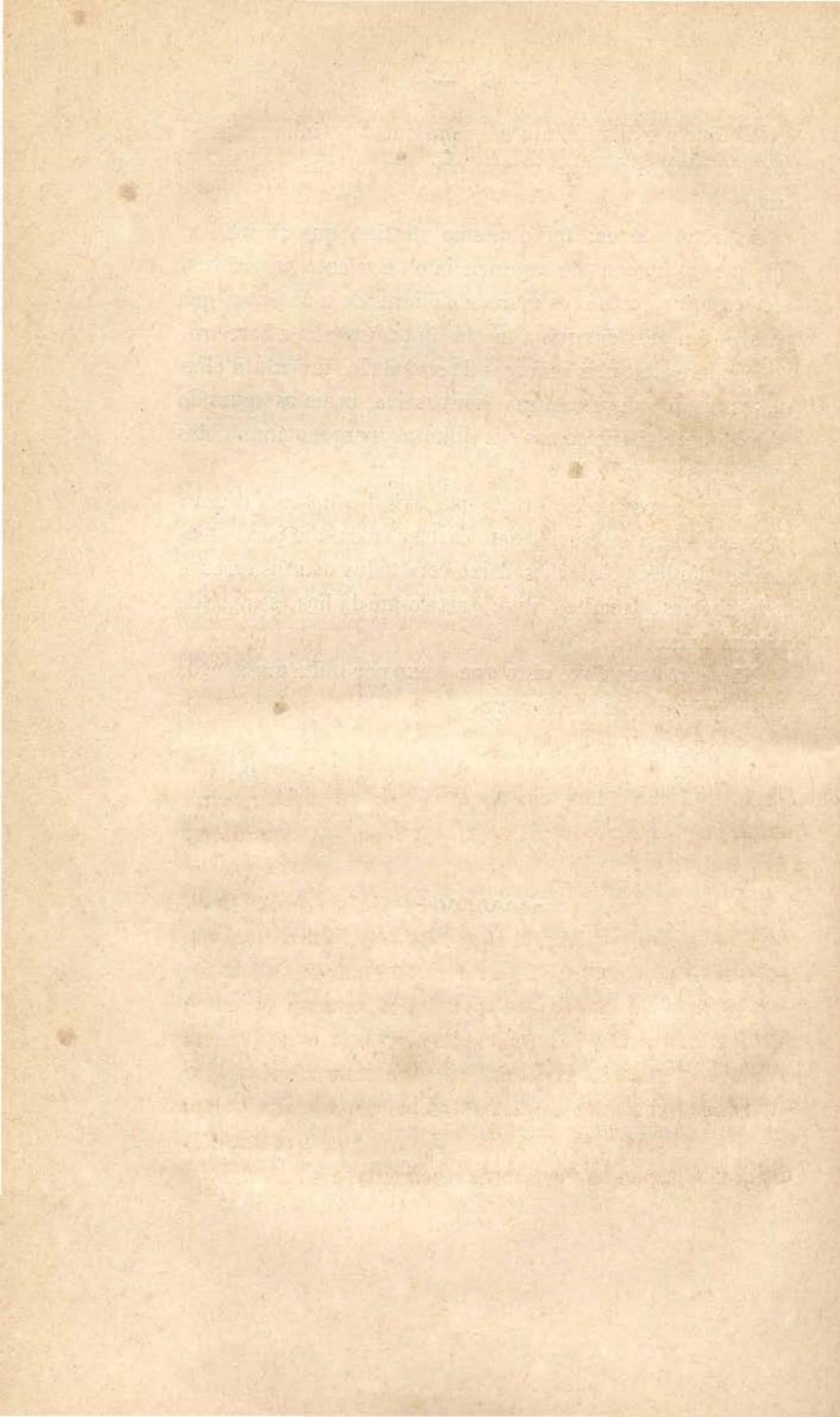
Não dirão que fujo, visto que deixo por mim um amigo, ou se quiserem, um *alter ego*.

14 de julho.

Ig.

ondas







Sexta carta.

Meu amigo.

Contava, quando terminei a primeira série de minhas cartas, não voltar mais a este assumpto; porém mudei de resolução, por motivos que depois lhe explicarei.

Por enquanto desejo fazer algumas ligeiras observações sobre a difficil tarefa que me impuz, escrevendo um ou outro reparo sobre a obra pomposamente annunciada de um autor que tem tantos amigos e tão poucos defensores.

Ha na poesia e na arte, n'essas duas irmãs, filhas do genio e da natureza, além da execução, uma parte negativa, a que um escriptor moderno chama a critica.

O poeta ou o artista é o homem que concebe e executa um pensamento sob a influencia d'essa exaltação de espirito que solta os vôos á phantasia humana.

O crítico, ao contrario, é o poeta ou o artista que vê, que estuda e sente a idéa já creada; que a admira com essa emoção calma e tranquilla que vem depois do exame e da reflexão.

Para ambos pois há uma mesma revelação do bello, com a differença que para um se manifesta sob a fórma do pensamento, e para o outro sob a fórma do sentimento.

No poeta é a *inspiração*, o fogo sagrado que crea e anima a idéa; no critico é a *contemplação*, é o raio de luz que esclarece o quadro, e põe em relevo a obra já executada.

Ambos são poetas e artistas; ambos receberão a missão de cultivar essa flôr mimosa; um planta-a, o outro a colhe; um crea e inspira, o outro sente e comprehende.

Sirva isto para mostrar-lhe, meu amigo, quanto é ridícula uma opinião que por ahí voga, de que, para criticar um poema e apreciar os seus defeitos, ou as suas bellezas, é necessário ser um poeta capaz de compor uma obra igual, ou pelo menos um litterato de vasta erudição.

Não ha em todas as concepções humanas, por mais sublimes que sejam, uma idéa que valha a flôrzinha agreste que nasce ahí em qualquer canto da terra; não ha um primor d'arte que se possa comparar ás scenas que a natureza desenha a cada passo com uma restea de sol e um pouco de sombra.

Pois bem, meu amigo, eu que, como todo o homem, posso admirar a flôr e preferir a violeta com o seu perfume á rosa em toda a sua esplêndida belleza; eu que posso achar mais lindo o pôr do sol em uma tarde de estio do que o arraiar da alvorada, sou incompetente para julgar conforme o meu gosto uma criação humana!

Se alguém lhe dissesse isto de improviso, naturalmente havia de rir-se da extravagancia da idéa, como me succedeu a mim; havia de achar bem singular que se recuse áquelle que todos os dias, a cada momento, decompõe os poemas divinos da natureza, o direito de emittir a sua opinião sobre a poesia de um homem.

Quando vejo uma perspectiva que não me agrada, ou porque o horisonte se acanha, ou porque os tons são carregados; quando acho monótono e triste o lugar onde o arvoredo não tem vida e animação, ninguém me contesta com a louca pretensão de que vá traçar uma perspectiva mais bella do que a da natureza, e crear um valle mais pittoresco.

Entretanto, se guiado pelo sentimento e por este instincto

do bello que Deus deu o todo o homem, digo que um poema não me satisfaz por falta de harmonia na fôrma e de elevação na idéa, clamão immediatamente contra mim, exigindo os meus titulos e brasões de litterato, afim de concederem-me a faculdade de poder ter uma opinião!

Não sabem, meu amigo, que em materia de arte, todo o homem tem um título, que é a sua intelligencia, e um direito, que é a sua idéa. Respeitando-se mutuamente, podem contestar a verdade d'essa idéa, sem que seja preciso recorrer ao triste expediente de aquilatar do pensamento pelo nome que o rubrica.

Precisava fazer sentir isto, para que não pensem que, tomando a liberdade de escrever as impressões boas ou más que me despertou a leitura do poema do Sr. Magalhães, arroguei-me por este facto os sóros de erudito e de litterato; ao contrario, reconhecendo-me incompetente para professar idéas sobre a arte e a poesia, procurei sempre autorisar-me com o exemplo dos mestres.

Se eu fosse uma d'essas autoridades reconhecidas pelo consenso geral, em vez de argumentar e discutir, como fiz nas cartas que lhe mandei, limitar-me-ia a escrever no frontespício do livro da *Confederação dos Tamoyos* alguma sentença magistral, como por exemplo aquelle dito de Horácio — *Musa pedestris*.

Escusado é porém perder tempo com essa questão que, a fallar a verdade, não vale a pena de uma discussão; continuarei a usar livremente do meu direito de criticar, já que por motivos que lhe prometti explicar vejo-me obrigado a voltar a este objecto.

Tendo concluido as minhas cartas, embora não merecessem ellas as honras de uma refutação, julguei que ao

menos, em attenção ao poema, dessem causa a uma d'essas polemicas litterarias, que tem sempre a vantagem de estimular os espiritos a produzirem alguma cousa de novo e de bom.

Soffri uma decepção, a imprensa calou-se, os litteratos limitárão-se a dizer a sua opinião nos diversos círculos; e apenas depois de muitos dias appareceu em um jornal uma especie de diatribe, que devo esquecer, meu amigo, por honra do nosso paiz e da nossa classe.

Doia-me ver que a nossa civilização ainda eslava tão atrasada; pois, em vez de accetar-se uma discussão litteraria, franca e leal, se procurava uma luta mesquinha e baixa; envergonhava-me ver que de uma questão de arte se pretendia fazer um manejo de intriga.

Sentia que, desprezando-se a nobre e generosa deffeza que offerecia o duplice estímulo da amizade e da poesia, se preferisse atirar á lama o poema do Sr. Magalhães, para d'este modo salpicar aquelle que teve a ousadia de não achar bom o que sem razão, sem fundamento, se dizia ser sublime.

Quando pois appareceu ultimamente uma refutação ás minhas cartas, e não um insulto á pessoa que se presumia havel-as escripto, tive uma impressão agradável; apesar de tarde, o espirito litterario revelava-se. (*)

Então reflecti que era necessario não confundir o irmão de letras de um poeta que deffende o livro de seu amigo servindo-se das armas da razão e da intelligencia, com o camarada de escola que atira pedras e cabeçadas em quem passa e bole com o seu condiscipulo.

E para dar um testemunho d'isto, para que não se diga

(*) Reflexões as cartas de Ig. -- : artigos publicados no Jornal do Commercio.

que o apparecimento de um poema nacional foi um facto quasi desaperebido para o mundo litterário, resolvi-me continuar essa correspondencia que julgava por uma vez terminada.

Eis pois a razão, meu amigo, por que, quando menos esperar, ha de receber esta carta, e talvez outras, conforme a penna estiver disposta a correr sobre o papel.

Agora permitta-me que me occupe com as reflexões feitas por aquelle que eu considero o unico e verdadeiro *amigo* do poeta.

A primeira cousa que n'este artigo se me contesta é a falta de imaginação e de poesia que ha na invocação do sol com que principia o poema ; é a falta de propriedade que se nota n'essa primeira idéa do livro.

Se não confiasse no critério dos leitores que podem examinar esses doze versos frios e pallidos como os raios do Sol de Londres, ver-me-ia obrigado a decompor phrase por phrase este trecho, onde não ha um pensamento elevado, nem uma imagem poetica.

Mostraria como é commum e vulgar esse emprego de adjectivos sem significação, e que só entrão no verso para encher o numero das syllabas, como por exemplo, *astro propicio, altos prodigios, vario esmaltas*.

Perguntaria se não é extravagante que um poeta, destinando-se a cantar um assumpto heróico, invoque para este fim o « sol que esmalta as pejalas das flôres », como faria um autor de bucólicas e de idyllios ?

Podia também fazer sentir que este vocativo *oh* é raramente usado, não só na poesia portugueza, como na poesia das linguas estrangeiras, o que se pôde vêr lendo as invocações dos diversos poemas mais conhecidos. A interjeição

traz sempre um certo ar de affectação, um quer que seja de emphatico, que não assenta bem na poesia grave. (**)

Não quero porém descer a essas minucias litterarias, mais próprias de um grammatico e commentador, do que de um homem que não faz profissão de litteratura, e que entra n'estas questões apenas como simples *curioso*; desejo antes occupar-me com o que é de poesia e arte.

A invocação do poema do Sr. Magalhães, por qualquer lado que a consideremos, não satisfaz; como arte, como formula da epopéa, é contra as regras e exemplos dos mestres; como poesia, é pobre de imagens e de idéas.

Sabe, meu amigo, que há na poesia épica dous modelos de invocação, que nos forão deixados pelos dous primeiros poetas da antiguidade; esses modelos formão dous generos differentes.

Homero na *Odysseá* liga a proposição do assumpto com a invocação, e apresenta immediatamente ao leitor a idéa geral de seu canto.

*Dic mihi, musa, virum captæ post tempora Trojæ,
Qui mores hominum multorum vidit et urbes.*

Virgilio segue methodo diverso; em primeiro lugar traça a exposição do objecto de seu poema, e depois é que faz a invocação:

*Arma virumque cano, etc
Musa, mihi causas memora.*

(*) Notas.

Milton é talvez o unico dos poetas modernos que imitou Homero :

*Of Man's first disobedience and the fruit, etc.
Sing, heavenly Muse! that on the secret top
Of Oreb or of Sinai, etc.*

O Tasso imitou Virgilio, assim como Camões, Voltaire, Chateaubriand, e quasi todos os poetas modernos :

Canto l'arme pietosi e el capitano etc.

.
*Musa ; tu che di caduchi allori
Non circondi la fronte in Ellicona !*

A invocação da *Confederação dos Tamojos* não pertence a nenhum desses dous generos : é uma innovação do Sr. Magalhães, ou antes uma contravenção das regras da epopéa, que se tornaria desculpavel se o poeta tivesse sido feliz na sua inspiração,

Mas isto é justamente o que não succedeu, e para provar-lhe, meu amigo, toda a pobreza d'esse trecho, vou copiar-lhe aqui alguns versos de uma obra de *Byron*, que por acaso encontro sobre a meza :

*Most glorious orb! thou wert a worship ere
The mystery of thy making was reveal'd!
Thou earliest minister of the Almighty!
. . . . Thou material God!
And representative of the Unknown
Who chose thee for his shadow! Thou chief star!
Sire of seasons! Monarch of climes
. . . . Thou dost rise,
And shine, and set in glory.*

Que riqueza de pensamento, que profusão de idéas que há em cada verso d'essa poesia !

Esse *chief star* é ao mesmo tempo uma bella comparação, e uma phrase profunda que contém toda a vasta organização do nosso systema planetario.

O que o Sr. Magalhães descreve em quatro versos sem inspiração, quando falla do poder divino que os selvagens attribuem ao sol, Byron exprime com duas palavras cheias de força e de sentimento : — *Thou material God !*

E note ainda, que os versos do poeta inglez não são uma invocação, não forão inspirados por essa idéa sublime de um poema nacional ; são apenas uma saudação, um trecho de poesia lyrica.

Siuto, meu amigo, ver-me obrigado a recorrer ás citações e aos exemplos para provar uma cousa que aliás estou certo já deve ter sido bem comprehendida por aquelles que tem um pouco de gosto pelas lettras.

Quem abrir qualquer uma das epopéas conhecidas, embora não tenha a menor idéa do seu assumpto, comprehenderá desde o segundo verso o pensamento do poeta ; entretanto que, se traduzirem a invocação dos *Tamojós* em differentes linguas, ninguém adivinhará pela sua leitura que objecto, que paiz, que acção é que vai cantar o poeta que a escreveu.

Pede-se apenas uma inspiração ao sol que fecunda a terra e esmalta as flôres ; e é isto que se chamma uma bella invocação, é este astro de todos os povos, de todos os climas, que se quer fazer passar como « a verdadeira musa do poeta brasileiro ! »

Fallei-lhe ha pouco de uns versos de Byron ; vou copiar aqui alguns trechos de uma poesia de Voltaire ; é uma

apostrophe de Satanaz ao sol, que não tem analogia com a invocação dos *Tamojos* senão por se dirigirem ambas ao mesmo objecto.

Será mais um exemplo que fará sobresahir pelo contraste o pensamento vulgar e pouco elevado d'essa parte do poema, em que tínhamos direito de exigir que o Sr. Magalhães fosse, se não sublime, ao menos poético.

Eis os versos.

.
Soleil, astre de feu, jour heureux que je hais,

.
Toi, que sembles le dieu des cieux qui t'environnent,

Devant qui tout éclat disparaît et s'enfuit,

Qui fais palir le front des astres de la nuit;

Image du Tres-Haut, qui regla ta carrière etc...

E' força confessar que todos os doze versos do poema da *Confederação dos Tamojos* não valem nem como idéa, nem como metrificacão, aquelle único verso de Voltaire: *Toi qui sembles le dieu des cieux qui t'environnent.*

Milton, de quem Voltaire imitou, escreveu alguns versos no *Paradise Lost*, a respeito dos quaes diz Chateaubriand que, apesar de sua admiracão por Homero, é obrigado a confessar que elle não tem nada que se lhe possa comparar.

« Coroadado de uma gloria immensa, tu que deixas cahir do alto do throno solitario os teus olhares como o Deus d'esse novo mundo, tu sol, diante de quem as estrellas occultão suas fronte humilhadas. »

Ora, meu amigo, quando se está habituado a ler poesia sublime como esta; quando parece que o sol, o principio de luz e de vida, derramou na alma de todos os poetas que n'elle se inspirarão uma centelha do fogo sagrado que o anima,

póde-se vêr com indifferença a frieza de expressão com que se invoca o astro magestoso do Brasil?

Não é para admirar que um dos raios brilhantes que illuminão as regiões tropicaes não tenha penetrado n'alma do poeta, e levado ao seu pensamento como ao seio da terra e ao pollen das flôres o *fiat lux* da criação?

E isto ainda mais me sorprende, quando a idéa de invocar o sol como o seu genio inspirador, é para mim uma das mais felizes lembranças que teve o Sr. Magalhães; mas succedeo-lhe n'este ponto o mesmo que em quasi todo o poema; esboçou a imagem, porém não lhe modelou as fórmãs.

Os amigos do poeta chamão simplicidade a essa negligencia, a esse descuido e imperfeição na maneira de exprimir a idéa; mas hão de desculpar-me se lhes disser que dão um sentido errado áquella palavra.

A simplicidade na arte e na poesia, cujo typo classico encontramos na litteratura grega e em alguns dos seus imitadores, é a naturalidade, é a imitação a mais exacta da vida real, é o sentimento na sua expressão verdadeira sem o realce da fórma e da imaginação.

Eis o que diz um dos mais illustres criticos modernos a respeito d'essa simplicidade da arte de que Homero nos deixou o modelo :

« A descripção grega se compõe de poucos traços, e se occupa mais em fazer sentir a vida de um objecto do que em representá-lo por seu aspecto material; desenha, e não pinta. Tratando-se de um lugar que deve servir de theatro a um acontecimento, a descripção o representa em alguns versos; dispõe os planos, projecta a luz, e crêa um certo calor, uma certa animação que eu chamo a vida.

Tratando-se de pintar uma paixão que se manifesta por

signaes exteriores, por alterações da physionomia humana, é ainda mais sobria de detalhes. Lança sobre a figura uma impressão simples e geral, como o temor ou a palidez; contrahe o rosto de raiva, o expande de alegria, e ruga-o pela preocupação; deita uma lágrima para a dôr, e substitue o sorriso, a calma, a ironia, conforme as situações. »

Insisto sobre isto porque é uma questão a qual desejava de ha muito provocar; quando comecei a fazer algumas censuras ao poema, responderão-me immediatamente que o Sr. Magalhães era simples na fórma e sobrio nos ornatos.

Que especie de simplicidade porém é essa? Não é de certo a simplicidade grega, tal como a desfinem os escriptores competentes, e tal como se encontra nos poetas classicos; e para isso basta ler um trecho descriptivo da *Odisseá* ou da *Encida*, e compará-lo com algum quadro d'os *Tamojos*.

Teria acaso o Sr. Magalhães inventado uma nova especie de simplicidade até hoje desconhecida na arte? Iniciou uma nova escola de poesia nacional differente da que nos deixarão os nossos mestres?

Não, esta simplicidade de que tanto se falla não é outra cousa mais do que uma desculpa vulgar, esse disfarce usado, com que na existencia se procura illudir o verdadeiro nome das cousas mudando-se a significação das palavras.

De ha muito tempo que se usa dizer que uma mulher é *sympathica*, para não dizer que é *feia*; que uma cousa é *singela*, para não dizer que é *monôtona*; que um escripto é *simples* para não dizer que é *árido*.

Portanto não devo estranhar que se queira chamar simplicidade nos *Tamojos* aquillo que não passa de pobreza de imaginação, de desalinho de phrase, e de falta de metrificação.

Na verdade o Sr. Magalhães nem sequer tem a sobriedade dos detalhes que constitue a principal belleza da arte grega; muitas vezes é plastico com exaggeração, como na descripção dos pyrilamos, e na luta das jararacas; direi mais, é minucioso e rasteiro como em todo o quinto canto.

Elle pinta ou esboça as mais pequenas cousas, repisa as mesmas idéas tres ou quatro vezes, enche uma página inteira de fumo e de sangue, falla do milho e da mandioca que o colono plantou no seu terreno, e de mil outras cousas próprias de um romance histórico, e não de um poema.

Como pois se quer á força achar simplicidade onde ao contrario ha confusão, anarchia, desordem, e abundancia de detalhes e de circumstancias insignificantes? Como pois se tem em conta de severo e grave o poeta que amontoa imagens e pinturas, e não lhes soube dar o colorido proprio e a forma brilhante?

Mostrem-me um só verso da *Confederação dos Tamoyos* que se approxime d'aquella descripção da tempestade da *Odyssea*, ou mesmo d'aquella phrase sublime de naturalidade com que Vergilio pinta a desordem dos cabellos da sibylla: — *Non comptæ mansere comæ.*

Apontem-me uma descripção que se possa dizer a sombra esvanecida d'aquelles versos de Sophocles no *Edipo-Rei*, versos que são considerados como uma maravilha da simplicidade. Edipo pergunta como morreu seu pai, e o mensageiro lhe responde:

« Elle morreu como morrem os velhos, d'essa pequena inclinação que adormece para sempre os corpos já gastos. » (*)

Escuso, acumular mais citações;ahi ficão alguns modelos

(*) Notas.

do que é a simplicidade grêga : por êlles pôde vêr que, se alguma gloria deve ter o autor da *Confederação dos Tamoyos*, não é certo a de ter imitado êsses mestres da poesia.

Limitei-me n'esta carta unicamente á invocação, e se tornei-me mais extenso, é porque desejei logo accumular n'ella elementos que devem servir-me para a continuação do exame do poema, que pretendo fazer, talvez que com mais minuciosidade do que da primeira vez.

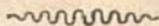
Então escrevia impressões de leitura, e só registava o que me parecia de importancia ; agora porém faço a defeza de meu trabalho, e como não quero passar por ter sido desleal, tratarei de descer ás menores circumstancias para justificar a opinião que emitti.

Adeus, meu amigo ; vou ler algumas paginas de Ossian, para vêr se ao menos pela força do contraste dos gelos e nevoas com os esplendores da natureza tropical posso concordar com o *amigo do poeta*, que fez-me a honra de corrigir os meus erros.

Até domingo.

9 de agosto.

Ig.





Setima carta.

Se eu pudesse, meu amigo, como um d'esses genios invisíveis da média-idade, tomar pela mão os incrédulos, e, librando-os sobre as azas, mostrar-lhes *au vol d'oiseau* a vasta região que se estende desde o Amazonas até o Paraná, não me veria de certo embaraçado em provar a sem razão d'aquelles que pretendem que a nossa terra se acha descrita no poema do Sr. Magalhães.

Faria uma *viagem no azul*, como dizem os Allemães, penetraria no seio d'essas florestas seculares, subiria os alcantis das montanhas, vogaria sobre as águas dos rios magestosos; e ahí, em face da natureza, tendo por juiz Deus, e por testemunha esse mesmo sol que o poeta invocou, perguntaria ao homem de sentimento se aquella era a mesma terra dos *Tamojos*?

São cousas que se sentem, meu amigo, mas que não se podem definir; a flôr da parasita, o écho profundo das montanhas, a restea de sol, uma folha, um insecto, fallarião mais eloquentemente aos sentidos, do que a minha pobre penna ao espirito cultivado dos seus leitores.

Quem quizer julgar o Sr. Magalhães na descripção do Brasil, que se acha em diversas partes do seu poema, basta lançar um olhar pela magnifica bahia do Rio de Janeiro, ainda semeada de algumas ilhotas incultas, e reflectir sobre o aspecto d'essa natureza, quando virgem e selvagem.

Se depois d'este curto instante de contemplação houver um só homem capaz de sentir e comprehender o bello, que me diga que o Sr. Magalhães é um verdadeiro poeta na-

cional, confessarei então que erreí, e que sonhei o meu bello paiz mais rico, mais sublime do que elle realmente é.

Infelizmente porém não posso tentar essa prova, esse *juízo da natureza*; e não há remedio senão ir buscar nas folhas dos livros, e nos quadros da arte, os argumentos que a poesia escreveu nas folhas das arvores, e nas scenas brilhantes da nossa terra.

Devo dizer-lhe, meu amigo que todas as exagerações dos deffensores do poema sobre a descripção do Brasil revertem contra o poeta, e apenas servem para tornar ainda mais pallida e desbotada essa pintura feita com as côres desvanecidas e gastas pelo tempo e pelas viagens.

Com effeito, onde está « a terra abençoada, a esplendida região que admiramos com um religioso enthusiasmo? » Onde estão essas bellezas da natureza que respirão tanta poesia, « essas maravilhas da criação, essa fertilidade do solo natal? »

Não sei; leio o poema, abro alguns livros, e vejo com tristeza que a Itália de *Virgilio*, a Caledônia de *Ossian*, a Florida de *Chateaubriand*, a Grécia de *Byron*, a Ilha de França de *Bernardin de Saint-Pierre*, são mil vezes mais poeticas do que o Brasil do Sr. Magalhães; alli a natureza vive, palpita, sorri, expande-se; aqui parece entorpecida e sem animação.

Desejava, meu amigo, não fazer mais citações, para que não se diga que pretendo mostrar erudição sem proposito, o que aliás seria uma injustiça, pois os livros de que fallo andão em todas as mãos, e são geralmente conhecidos desde o tempo em que frequentamos os collegios e estudamos as humanidades.

Por tanto a pretensão de litterato seria da minha parte extravagante; e se alguma vez reproduzo trechos de um ou

outro poeta, é por que julgo que não ha melhor meio de fazer sobressahir a pobreza de imaginação do poema do que tornando-a sensível pelo constrate

O autor do artigo á que respondo trata por diversas vezes de mostrar que fui injusto negando as bellezas de descripção que na sua opinião existem na *Confederação dos Tamoyos*; e aponta principalmente a pintura da floresta no 4.º canto, a scena do Pagé, a descripção dos piry lampos e algumas outras.

Permitta-me, pois, meu amigo, que me reduza agora á simples condição de traductor, porque desejo apresentar ao deffensor do poema prosa mais linda, mais rica de pensamento e de imagem do que todos esses versos que elle chama sublimes, porque a significação das palavras tem hoje uma elasticidade immensa.

E note que não vou abrir nenhum poema, nemhuma obra de arte, que tenha sido acabada com esmero e apuro : não ; são simples narrações de viagens, frases escriptas livremente, e nas quaes só falla a inspiração do momento.

O amigo do Sr. Magalhães estranha que não me occupasse da marcha pela floresta, que elle de certo julga uma cousa digna de apreço ; tenha pois a bondade de ler o trecho de prosa que lhe vou traduzir, e talvez me dê razão.

E' um fragmento das notas da *Viagem á America*, de Chateaubriand ; é tambem a descripção de uma floresta do Novo Mundo ; o écho das matas americanas vae fallar pela voz do illustre escriptor, e dizer-nos tudo o que o poeta br asileiro devia ter sentido e descripto no quarto canto do poema, mas que infelizmente ficou no fundo do seu tinteiro.

3 horas.

« Quem pôde exprimir o que se sente entrando n'essas

florestas tão velhas como o mundo, e que ainda podem dar uma idéa do que era a criação quando sahiu das mãos de Deus? O dia, projectando-se através da folhagem, espalha na profundez da mata uma meia luz vacillante e móbil que dá aos objectos uma grandeza phantastica. D'ahi a pouco a floresta torna-se mais sombria, a vista apenas distingue troncos que se succedem uns aos outros, e que parecem unir-se alongando-se. A idéa do infinito apresenta-se ao meu espirito. »

Meia noite.

« O fogo começa a se extinguir, o circulo de luz se retrahê. Escuto ; uma calma sinistra pousa sobre a floresta ; dir-se-ia que os silencias succedem aos silencias. Procuo debalde ouvir n'esse tumulto universal algum rumor que revele a vida. D'onde vem este suspiro? De um de meus companheiros ; elle queixa-se mesmo dormindo. Tu vives, logo tu soffres ; eis o homem. »

Uma hora.

« Eis o vento ; desliza pelo cimo das arvores ; agita-as, passando sobre minha cabeça. Agora é como a vaga do mar que se quebra tristemente sobre o rochedo.

« Os murmurios acordarão os murmurios. A floresta é uma harmonia. São os sons graves do órgão que eu ouço, enquanto sons mais ligeiros errão nas abobadas de verdura? Um curto silencio succede. A musica aérea recommença ; por toda a parte doces queixumes, rumores que encerrão outros rumores; cada folha falla uma linguagem differente, cada raminho de relva modula uma nota diversa.

« Uma voz estripitosa echôa; de todas as partes da floresta os morcegos, occultos sob as folhas soltão cantos monotonos; julgo ouvir dobres de finados, ou o triste reboar de

um sino. Tudo nos inspira uma idéa da morte, porque esta idéa está no fundo da vida. »

Perdão, meu amigo, se abuso da sua paciência ; mas é que, quando percorro essa prosa, deixo-me levar pelo sentimento profundo de poesia e religião que respira n'ella : parece-me que leio um poema homérico, da mesma maneira que, abrindo o livro do Sr. Magalhães, esqueço-me de que é poesia, e julgo folhear um chronista pouco lido nas cousas do Brasil. (*)

Que tom solenne, que impressão grave e severa ha n'essa descripção do illustre viajante francez ! Os periodos intercalados de sua prosa sublime parecem imitar os échos tristes da velha floresta.

E como se tornão óculos e sem sentido aquelles versos da *Confederação dos Tamoyos*, onde apenas se encontrão esses lugares communs, essas idéas vulgares que assallão o espirito, logo que se falla de uma mata ou de um bosque ?

Mas talvez me respondão que Chateaubriand era um grande poeta até na sua prosa ligeira, e que é bem difficil imitar, ainda mesmo em poesia, tôdas as cousas bonitas e grandiosas que lhe forão inspiradas pela natureza americana.

Concordo com isto ; mas não é só o autor de *Atala* que descreve o Novo Mundo ; leia a historia das missões do Paraguay, das Antilhas, da Guyana e do Brasil ; leia sobretudo as cartas de Charlevoie e Durtetre, e as do padre Antonio Vieira, e verá que ha mais vida, mais calor, mais animação n'esses simples recitos de viagem do que no poema dos *Tamoyos*.

Não fallo das poesias nacionaes do Sr. *Gonçalves Dias*,

(*) Notas.

que, apesar de não haver escripto uma epopéa, tem enriquecido a nossa litteratura com algumas d'essas flores que desabrochão aos raios da inspiração, e cujos perfumes não são levados pela aura de uma popularidade passageira.

O autor dos *Ultimos cantos*, de *Yjucapirama*, e dos *Cantos guerreiros dos índios* está creando os elementos de uma nova escola de poesia nacional, de que elle se tornará o fundador quando der á luz alguma obra de mais vasta composição.

Voltando porém aos *Tamoijos*, é força dizer, meu amigo, que o Sr. Magalhães não só não conseguiu pintar a nossa terra, como não soube aproveitar tôdas as bellezas que lhe offerecião os costumes e tradições indigenas, que elle copiou dos chronistas sem dar-lhes o menor realce.

Apontarei como exemplo essa crença que tinham os índios a respeito do beija-flor, que consideravão como o mensageiro que levava e trazia do outro mundo as almas d'aquelles que fallecião ou que nascião; tradição graciosa, que merecia de um poeta mais do que dous versos ligeiros:

Inda alma de meu pai como um colibri

Em fria noite no seu ninho occulto etc.

Lembro-me que um dos missionários do Canadá, vendo pela primeira vez essa avezinha delicada, iriando-se de lindas côres aos raios do sol, e adejando rapidamente, deu-lhe o nome de *flor celeste*; o Sr. Magalhães, que é um poeta, e que escrevia um poema, contentou-se em desnaturar o lindo nome de *colibri*, abreviando-lhe a ultima syllaba.

A mesma observação se pôde fazer a respeito da linguagem que o autor attribue aos índios, e que não tem aquelle estylo poético e figurado, próprio das raças incultas; á excepção de uma ou outra comparação, ás vezes forçada, não ha nada que se possa comparar ás expressões simples e graciosas de *Paulo e Virginia*. (*)

Quanto á religião, apesar de invocar os genios patrios, o Sr. Magalhães não deu a menor attenção ás tradições dos índios; *Tupan*, representado por um verdadeiro poeta, podia collocar-se a par do *Theos* de Hesiodo, do *Jupiter* de Homero, do *Jehovah* de Milton; o principio da divindade é sempre uma idéa grande e sublime, qualquer que seja a fórma que lhe dê a imaginação humana.

Não posso admittir, como já o disse uma vez, essa desculpa de que a religião indigena não tinha tradições nem culto externo; além de não ser isto exacto, como attestão muitos chronistas, a obrigação do poeta era crear, e para isso tinha elementos de sobra.

Os *Nibelungen*, os cantos de *Ossian*, as ballatas dos *minnesingers*, e a *Illíada*, não nascerão d'outra fonte differente da que tinha o autor da *Confederação dos Tamoyos*; erão reminiscencias de povos barbaros, recolhidas pela tradição popular, e que ao despontar da civilisação forão a pouco e pouco revestindo-se de imagens poeticas, até que a arte deu-lhes a fórma e o acabado de uma obra litteraria.

Não exigia que o Sr. Magalhães fizesse uma d'essas epopeas que tornão-se o livro popular de uma nação; mas tinha direito de esperar que recolhesse no seu livro as

(*) Notas.

lendas que já vão ficando esquecidas, e que lhes desse algum toque de poesia.

A theogonia indígena, mesmo imperfeita como era, ou como chegou ao nosso conhecimento, dava materia para lindos episódios ; esse Deus do trovão, que manifestava a sua colera lançando o raio ; esse grande diluvio, que cobrio os pincaros elevados dos Andes; essas lutas de raças conquistadoras, que se havião substituído umas ás outras; tudo isto posto na boca de um *pagé*, e n'essa lingua gem primitiva da natureza, havia de ter algum encanto.

Não estranhe, meu amigo, se desço a essas pequenas cousas que na apparencia não tem muita importancia, e que formão entretanto o relevo dos grandes quadros ; são as bagatelas que o poeta classificou perfeitamente com essas duas palavras : — *Nugæ difficiles*.

O autor do artigo repara que eu não tivesse dado apreço ás duas comparações da andorinha e do guará, que lhe parecem originaes e encantadoras, talvez por causa da deficiência de imagens que há no poema.

Se nas primeiras cartas não toquei nestes dous trechos, foi porque não desejava ir de encontro ao pensar de uma das nossas illustrações que mais respeito, e a quem ouvi dizer algures que os achava bonitos ; mais já que me forçãõ a declarar minha opinião, serei franco, como costume.

Comparar a liberdade selvagem no Brasil com uma andorinha, é, ou falta absoluta de imaginação, ou pouco estudo da nossa historia natural, cuja ornithologia apresenta tantas maravilhas e tanta riqueza de forma e de colorido.

A' aguia dos Alpes, ao cysne da Grecia, ao dromedário dos desertos da Arabia, ao cavallo das estepes da Hungria, ao abestruz do Saharah, ao condor dos Andes, o Sr. Magalhães

oppõe por parte do Brasil a andorinha, a ave de todos os paizes, cantada nos idyllios dos poetas antigos e modernos !

Involuntariamente, quando li esta comparação, lembrei-me de uma fabula que aprendemos no collegio, e que representa um pardal lamentando-se pela perda de sua liberdade; é o mesmo lirismo improprio de um assumpto épico.

O *simile* do guará está no mesmo caso; embora seja esta uma das aves brasileiras mais poeticas pelas suas transformações de côres e pela sua vida aquatica, não era isto uma razão para que se devesse symbolisar n'ella a liberdade; o poeta podia aproveitá-la em outra imagem mais verdadeira.

O guará, que, segundo frei S. Carlos (*), nasce preto, e não branco, como pretendem o poeta e Ayres do Casal na sua *Corographia Brasílica*, muda depois as côres, e veste-se de pennas alvas como o leite; á proporção que envelhece, suas pennas vão se colorindo de um leve roseado, e acabão por tornar-se de um escarlata brilhante; é tal a encandescência d'essa côr quando ferida pelos raios do sol, que um missionário deu-lhe o nome de *ave de fogo*.

A vida d'esse pássaro aquático é simples e tranqüilla; está quasi sempre solitário á beira dos lagos e dos rios, mirando-se nas águas, e revendo as suas côres brilhantes, fazendo graciosas evoluções com o seu collo flexível, e apanhando os pequenos peixes que lhe servem de alimento; assim passa o dia inteiro, até que, ao cahir da tarde, recolhe-se lentamente ao seu ninho; é um pássaro triste, merencorio, amigo da solidão, do silencio e do repouso.

(*) Assumpção, canto 2.º:

..... e os vermelhos
Guarás, que pennas trajão sendo velhos
De escarlata, se bem que negros nascem.

Será este o verdadeiro symbolo da liberdade, e especialmente d'essa liberdade selvagem cheia de vida, de acção, e de movimento? Será esta a imagem do indio brasileiro, senhor das florestas e das montanhas, vivendo ao capricho, e percorrendo á vontade todo este bello paiz, do qual era rei e soberano?

Se o Sr. Magalhães quizesse pintar a calma e a tranquillidade da vida selvagem de que gosavão os índios antes da invasão portugueza; a sua dor e o seu luto pela escravidão que lhe impunha outra raça; e finalmente o sangue e a guerra que nascia da vingança, podia ter achado uma comparação no guará; mas pintar com elle a liberdade, é o mesmo que exprimir a rapidez pela marcha da tartaruga.

9 + Talvez já lhe tenham contado, meu amigo, a história de de um manto imperial que serviu a coroação do Senhor D. Pedro I; se não me engano li em um livro que este manto foi feito com as pennas de uma especie de passaro do Pará colhidas por um hespanhol que alli cumpria pena de degredo, e que o offereceu á D. João VI que remunerou o seu trabalho e paciencia concedendo-lhe o perdão. (*)

O passaro de que foram tiradas as pennas d'esse manto era conhecido pelo nome de *gallo selvagem* entre os Portuguezes, e devia ter naturalmente entre os indios um nome que seria facil de saber; era uma especie de *phenix* indigena, não só pela delicadeza e brilhantismo das côres, como pela difficuldade que havia de achá-lo, e vê-lo, mesmo no meio das florestas virgens.

Tem o corpo de pennas douradas, e o collo se esmalta de todas as côres do Iris, como o peito do pavão; o seu amor pela liberdade e pelo espaço é tal que diz-se ser impossivel

(*) Beauchamp, História do Brasil.

conservá-lo um dia ; a sua prisão dura apenas o tempo de morrer e libertar-se. Póde haver um typo mais lindo e mais original da liberdade ?

Não leve a mal estas distraçõs, meu amigo ; sei que incorro em uma censura que já me fizeram, de querer que o poeta tivesse seguido as minhas inspirações, e não as suas ; mas é que, quando penso nos thesouros de poesia que encerra a nossa terra, e depois leio o poema do Sr. Magalhães, não posso deixar de notar, que de tantas idéas bonitas, nem uma fosse aproveitada.

Houve um tempo em que me occupei, com prazer e até com enthusiasmo, das cousas velhas do meu paiz ; em que lia com mais satisfação do que um romance, as chronicas de Simões de Vasconcellos, de Rocha Pita, de Pizarro, de Brito Freire, e as viagens de Maw ; e joeirava aqui e alli d'entre as sensaborias do narrador, uma noticia, uma particularidade interessante.

D'este tempo conservo ainda muitas idéas graciosas, que não escrevo porque tenho medo de tirar-lhes o encanto da simplicidade ; porque não me reconheço com forças de reproduzil-as como as sinto ; e tambem porque não tenho animo de prosequir um trabalho serio.

Entretanto o Sr. Magalhães, um poeta que, durante sete annos, dedicou-se exclusivamente ao seu poema ; que deve ter estudado todos os chronistas e todas as tradições ; que há de ter feito escavações profundas n'essa *Pompêa* indigena que desapareceu sob as lavas da civilização, não achou uma só reliquia, uma só antiquidade preciosa ?

Limitou-se a mostrar o que já sabiamos de cor e salteado ; copiou sem embellezar, escreveu sem crear, e acha ainda um amigo tão indulgente, tão cego pela affeição, que

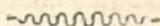
não duvida afirmar que elle pintou a natureza brasileira, e descreveu os costumes indigenas com poesia e naturalidade!

É preciso acabar com esta questão, e dar por uma vez como ponto decidido que a *côr local*, como a entendem os mestres da arte, não existe na *Confederação dos Tamójos*.

Au revoir, meu amigo; lembre-se do que me prometteo, e deixe cada um glosar á sua maneira o meu,

12 de Agosto.

Ig.





Oitava carta.

Poet ought himself to be a true poem — o poeta deve ser elle proprio um verdadeiro poema — dizia Milton.

E na verdade, meu amigo, é preciso que o homem que põe em acção as grandes paixões e os sentimentos elevados, saiba sentir e comprehender aquillo que o seu pensamento vai exprimir.

O espirito do poeta deve ter, por assim dizer, o privilegio da ubiqüidade; deve estar em todo o poema e sobretudo em cada um dos caracteres importantes da acção dramatica que descreve.

E não é só isto; é preciso que elle se transforme a cada momento, e, como Prometheo, dê vida a essas estatuas creadas pela historia, ou por sua imaginação, animando-as com um raio do fogo sagrado.

Quando examinei os caracteres principaes da *Confederação dos Tamoyos*, mostrei que o Sr. Magalhães os havia deixado em toda a sua nudez chronistica ou historica, e tinha feito uma traducção em verso de algumas paginas de escriptores bem conhecidos.

Basta abrir os *Annaes do Rio de Janeiro* de Balthazar da Silva Lisboa, para conhecer até que ponto é exacto aquelle juízo; ali se acha em prosa todo o poema, com excepção de alguns pequenos episodios, cuja fonte talvez um dia me dê ao trabalho de procurar.

Entretanto, meu amigo, desejo ainda occupar-me de um ponto que me contestarão; e é a falta que se nota no poema da criação de uma mulher, e a nenhuma origina-

lidade e invenção que o autor revellou nessa imagem poetica, que representa uma das mais bellas faces da vida humana.

Não se animarão a negar o facto, porque elle é evidente; desde o principio até o fim do poema, a mulher, o symbolo do amor, da virgindade e da maternidade, apenas apparece personificada em uma índia que serve de amante ao heróe, porque está em uso que todo o heróe deve ter a sua amante.

Na impossibilidade pois de contestarem a verdade da censura, recorrerão á um argumento que, na minha opiniao, ainda é mais triste do que a falta que se pretende desculpar; pintarão o poeta como um homem grave, sisudo, preocupado de altos pensamentos, e dando por conseguinte pouco apreço á esses « lyrismos só proprios da primeira mocidade. »

A isto poderia responder — que os homens graves devem occupar-se com a philosophia e deixar as bellezas poeticas para quem souber comprehendel-as; mas como desejo affastar d'esta questão todos os visos de personalidade, prefiro discutir esse ponto unicamente pelo seu lado artistico.

Homero, o creador de uma nova litteratura, o autor de uma d'essas épopeas primitivas, que são os dramas da humanidade, desenhou um typo sublime da mulher, symbolisada no carácter de esposa. Quem não se lembra do nome de Penelope, e da teia delicada, onde a virtude conjugal havia depositado todos os seus temores, todas as suas magoas, e esperanças?

Virgilio, escrevendo a origem divina da cidade rainha do mundo e os altos destinos de um grande povo, teve uma inspiração para o amor e deixou-nos uma criação, senão perfeita, ao menos bella: o episodio de Dido, embora segundo os mestres seja mal ligado á acção, tem lindos traços.

Dante, o Homero italiano, creou a sua Francesca de Rimini, uma das imagens mais suaves e delicadas do amor puro e casto ; como é sublime aquella phrase ingenua que ella profere depois da leitura do livro que revellou a sua mútua afeição : *Quel giorno piu non vi leggemmo avante.*

Sakspeüre, que se considera geralmente como um grande poeta epico, tem uma galeria completa de retratos desenhados com mão de mestre, desde Julieta e Desdemona, a amante apaixonada, até Macbeth, a mulher ambiciosa ; desde Cordelia do rei Lear, o extremo do amor filial, até Imogenes, a expressão do amor conjugal.

Camões, cantando a descoberta de um novo caminho da India e os feitos illustres de um pequeno povo de heróes, aproveitou um facto historico para traçar um typo de mulher, e escrever algumas paginas de poesia e sentimento que são elogiadas pelos litteratos estrangeiros.

O *Tasso*, sem fallar de Olinda e Sophronia, creou Armida ; no meio do triumpho da religião, entre os combates e os assaltos do sitio de Jerusalem, o poeta soube erguer o seu palacio encantado e desvendar-nos uma das scenas brilhantes e maravilhosas das *Mil e uma noites.*

Milton descreveu-nos a mulher como ella sahio das mãos do Creador, em toda a sua formosura e esplendor ; a companheira do homem, a mãe do genero humano, a belleza na sua primitiva simplicidade está desenhada no retrato de Eva com toda a perfeição da arte ; a scena d'essa noite nupcial n'um berço de relva é uma das cousas mais lindas que existe em poesia.

Klopstock era um espirito profundamente religioso e cheio de entusiasmo patriótico ; seus hymnos, diz *Tastu*, podem ser considerados como psalmos christãos ; entre-

tanto é este mesmo homem que, em um episódio da *Messiada*, consagrou a lembrança de sua mulher Margarida Moller, que elle havia perdido, e que celebrava nas suas poesias sob o nome de *Cidly*.

Macpherson, que pintou *Ossian*, o velho bardo cego, vibrando as cordas de sua harpa sobre um rochedo da Escocchia, que cantou os guerreiros de *Morven* e de *Lochlin*; soube achar entre as brumas do céu da pátria o typo d'essa belleza ideal, suave e melancolica, como a flor pallida que nasce entre as fendas da rocha no meio dos frocos de gelo.

Chateaubriand, politico e viajante, errando nas florestas do novo mundo ou nas ruinas da Grécia, visitando o Santo Sepulchro e a cidade sagrada, ao passo que escrevia o Genio do Christianismo e revellava a influencia d'essa religião sublime; não desdenhava traçar com a mesma penna que illustrára a historia, a politica e a philosophia, alguma d'essas graciosas creaturas, filhas de sua imaginação, como Cimodoce, Velleda, Atala e Celuta.

Os *Niebelungen*, especie de Illiada germanica, cujo autor se ignora, e que tem por assumpto os feitos illustres dos Borgonhezas, Francos e Godos do seculo V e VI, derivão toda a sua acção do amor de dois esposos; *Chriemhild*, a heroína, tanto quanto se póde julgar pela descripção que fazem d'aquella epopéa, é um bello caracter, que foi depois desenvolvido por *S. Roupach* em uma tragedia allemã.

Finalmente, meu amigo, a *Biblia*, a grande epopéa do christianismo, faz um estudo completo sobre a mulher, e a retrata por todas as faces da missão sublime que ella deve representar no mundo; escuso lembrar-lhe aquella poesia rica de imagens que há no *Cantico dos Canticos*, assim como os nomes de Maria, Rachel, Sarah, Judith e Magdalena.

Tenho percorrido de memória, tão bem, como me permitirão os meus poucos cabellos litterarios, a serie de epopéas mais notaveis que nos offerece a historia da poesia de todos os povos, desde a mais remota antiguidade até os nossos dias, desde a época mythologica até o seculo dos progressos materiaes, e das maravilhosas descobertas do vapor e da electricidade.

Todas ellas serão escriptas em circumstancias differentes; umas são mythos ou idéas poetisadas que preludião o nascimento de uma nova religião, de uma nova civilisação, de uma nova lingua, ou mesmo de uma nova litteratura; n'este numero estão a Biblia, a Illiada, a Divina Comedia, os Niebelungen e os dramas de Shakspeare.

Outras são apenas obras de arte, creações litterarias feitas sobre um facto historico, sobre uma ficção religiosa, sobre uma idéa grande ou sobre as tradições nacionaes de um povo; á este genero pertencem os Lusíadas, a Jerusalem Libertada, o Paraíso Perdido, a Messiada, os Martyres e os cantos de Ossiau compostos por Macpherson.

Os autores d'estas obras, como já mostrei de passagem, não erão poetas dados á lyrismos exagerados; muitos tinham sido tocados pela desgraça, pelo perda da vista, pelo desterro, e até por infelicidades domesticas; Milton, cego, escrevia o seu tratado do *Divórcio*, grito de indignação de um amor traído. Chateaubriand perdêra seu irmão guilhotinado, e seus bens, que havião sido confiscados; a historia de Tasso e de Camões é muito conhecida para que a reproduza.

Pois bem, meu amigo; em todas essas epopéas que lhe apontei, em todos esses livros filhos de impressões bem diversas, o leitor encontra sempre, lá no meio da obra, uma pagina íntima onde o poeta depositou a flôr do sentimento

18
com todos os seus perfumes, onde a penna grave, sévêra ou triste do cantor de altos assumptos transformou-se no pincel delicado do artista para crear alguma figura graciosa e fei-ticeira

A natureza, o primeiro poeta do mundo, no meio de uma scena agreste e rude, entre as safaras e os rochedos, tem sempre desses caprichos; e lá existe um cantinho de terra onde se esmera em depositar todo o seu luxo e todos os seus thesouros; o poeta, o filho da natureza, não podia deixar de imitar as lições, que Deus lhe dá todos os dias.

Não há pois motivo algum que possa justificar essa indifferença do Sr. Magalhães, quando falla no seu poema, da mulher apenas representada no frio e pallido character de uma amante vulgar; e a desculpa que dá um seu pertendido amigo seria ridicula, se não fosse inventada por alguém que parece ter perdido a razão á força de bater a cabeça contra os frisos, as columnas dóricas, e os capitéis de um systema de architectnra, que ainda está nos limbos.

O que porém mais admira é a contradicção, em que estão os deffensores do poema; quando respondem á censura, que se faz por carencia absoluta do elemento grandioso, dizem que a *Confederação dos Tamoyos* não é uma epopéa; quando se lhes faz notar a falta de imagens e de sentimentos, retrucão que isto são lyrismos impróprios de uma obra grave e seria.

Podia deixal-os debaterem-se n'esse circulo vicioso, n'esse *simul esse et non esse* que bem mostra a pobreza e o mal traçado de um poema que o próprio autor não se animou a baptisar; mas, tendo desde o principio considerado, esta obra como pertencente ao genero épico, julgo-me obrigado a provar que não fiz um castello no ar.

Se as regras da arte e os preceitos dos mestres não são

uma burla, e não se achão derogados pela sabedoria de algum novo Aristoteles, é impossível que um estudante de rethorica, que tiver a mais ligeira tintura de poesia, não classifique a *Confederação dos Tamoyos* no genero das epopéas.

Só conheço, meu amigo, três especies de poemas; os lyricos, os didaticos e os epicos; a primeira especie, que *Byron* enriqueceu com o *Child-Harold*, o *Corsario*, o *Prisioneiro do Chilon*, a *Noiva de Abidos* e outros, e á que pertence o *Jocelyn* de *Lamartine*, o *Jacques Rolla* de *Alfredo de Musset*, o *Camões* e a *Adosinda* de *Garret*, é verdadeiramente um romance em verso; a imaginação do poeta é livre, narra e descreve conforme o capricho, e não se sujeita á menor regra; não tem invocação, ou, se a tem, é n'um estylo ligeiro e gracioso.

N'esta classe, pois, creio que ninguem terá a singular lembrança de comprehender o poema do Sr. Magalhães, no qual segue por ordem a invocação, a exposição e a narração intermeiada de máchinas poéticas, que no poema lyrico serião uma extravagancia; restão-nos pois as duas especies de poesia epica e didatica, entre as quaes poderia haver alguma hesitação em classificar os *Tamoyos*.

A poesia didatica, segundo a definição da arte, é a verdade em verso; comprehende tres qualidades de poemas; os *poemas historicos*, como a *Pharsalia* de *Lucano*, e as *Punicas* de *Silvius Italicus*; os *poemas philosophicos* como a obra de *Lucrecio*, e a *Meditação* de *Macedo*; e os *poemas instructivos*, como a arte poetica de *Horacio*, e *Boileau*, as *Georgicas* de *Virgilio*, e as *Estações* de *Thompson*.

Não tendo o Sr. Magalhães feito outra cousa no seu poema senão copiar os chronistas, intercallando os factos de alguns episodios sem belleza, podia-se á primeira vista considerar a

Confederação dos Tamoyos um poema historico ; mas apesar de mal traçados, esses episodios contem o sortilegio da tagapema, e a appareição de S. Sebastião em sonho, o que dá ao poema o elemento *maravilhoso*.

Ora, este elemento é o essencial da epopéa, e não póde existir no poema historico, que, segundo a definição dos mestres, deve ser a verdade em verso ; portanto não é possível classificar ainda a *Confederação dos Tamoyos* como uma producção do genero didatico.

E para que não appareçam duvidas sobre esta minha opinião, citar-lhe-hei o juizo de Voltaire a respeito da *Pharsalia* de Lucano, que elle classificou como um poema didatico, por não ter o elemento maravilhoso e as maquinas poeticas, que são a essencia da epopéa.

Assim pois, repudiada pela poesia lyrica e pela poesia didatica, a *Confederação dos Tamoyos* não tem senão o genero epico á recorrer ; e os amigos do poeta são obrigados á aceitar-a como tal, a menos que não preferirão confessar que o Sr. Magalhães creou o monstro informe de Horacio.

Correndo os olhos sobre o poema, encontro n'elle esboçados, bem que com indecisão, todos os elementos da epopéa ; ha uma *acção* heroica que é a luta entre duas raças, cujo *nó* é a vingança dos indios, e cujo *desenlace* é a morte do heróe e o triumpho dos portuguezes ; revella-se n'esta acção o poder da divindade por factos que não pertencem a ordem natural.

Quanto á fôrma, vejo uma invocação, uma proposição, e depois uma narração ; esta ultima parte sobretudo tem o cunho epico, pois começa do meio da acção e completa-se pelo discurso de Aimbire no conselho, como a Eneida, pela narração de Enéas a Dido.

Não ha pois a menor duvida que o Sr. Magalhães fez uma epopéa; e, se ligou-se inteiramente á historia, se foi pouco inventivo, se o seu *maravilhoso* é mal cabido ou mal executado, são defeitos estes que já censurámos; mas que não podem servir de argumento para tirar-se ao poema a qualidade que seu autor lhe deu.

Tornei-me estudante de rethorica, meu amigo, e desci a noções rudimentaes da poesia, por que a isto me obrigarão aquelles que, ou por cegueira da amizade ou por um mal entendido despeito, assentárão de cumprir á risca o preceito da escriptura; *Oculos habent et non videbunt*.

Termino aqui este trabalho imperfeito e cheio de incorrecções; quiz apenas discutir uma questão litteraria, e não desci á defleza de accusações pouco dignas de homens que se prezão e se respeitão.

Na primeira serie de minhas cartas fui menos severo, por que dirigia-me ao poeta ausente; desde porém que appareceu um amigo e defensor tão illustrado e tão distincto, como o escriptor das *Reflexões*, entendi que podia ser franco, sem incorrer na pecha de desleal.

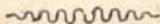
O papel do critico tem sempre um laivo de odiosidade; mas espero que quem me conhecer, e souber que não fui levado por despeito e sim pelo desejo de que a imprensa assignalasse mais do que com uma simples noticia, o apparecimento de uma obra nacional; julgará de minha opinião sem involver n'ella os sentimentos do homem.

Resta-me uma palavra á dizer-lhe; sei que confundirão o meu pseudonimo com muitos outros, e quizerão descobrir n'elle pessoas muito dignas, e que por minha causa tiverão de soffrer injurias immerecidas.

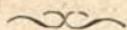
Se me não declarei então foi pela convieção que tinha de que a reputação dos offendidos não podia ser manchada com o fel e a bilis do offensor.

15 de agosto.

Ig.



ERRATAS.



<i>Pag.</i>	<i>Linha.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
16	7	dominados	dominado
10	11	assimulação	assimillação
43	1	e reacção	a reacção
44	12	prosatoco	prosaico
44	19	histíria	historia
49	22	burril	buri
55	7	frotespicio	frontespicio
59	9	aguas	ondas
64	11	atrasade	atrasado
92	1	tados	todos

INDEX

Page	Page	Page	Page
1	10	19	28
2	11	20	29
3	12	21	30
4	13	22	31
5	14	23	32
6	15	24	33
7	16	25	34
8	17	26	35
9	18	27	36
10	19	28	37
11	20	29	38
12	21	30	39
13	22	31	40
14	23	32	41
15	24	33	42
16	25	34	43
17	26	35	44
18	27	36	45
19	28	37	46
20	29	38	47
21	30	39	48
22	31	40	49
23	32	41	50
24	33	42	51
25	34	43	52
26	35	44	53
27	36	45	54
28	37	46	55
29	38	47	56
30	39	48	57
31	40	49	58
32	41	50	59
33	42	51	60
34	43	52	61
35	44	53	62
36	45	54	63
37	46	55	64
38	47	56	65
39	48	57	66
40	49	58	67
41	50	59	68
42	51	60	69
43	52	61	70
44	53	62	71
45	54	63	72
46	55	64	73
47	56	65	74
48	57	66	75
49	58	67	76
50	59	68	77
51	60	69	78
52	61	70	79
53	62	71	80
54	63	72	81
55	64	73	82
56	65	74	83
57	66	75	84
58	67	76	85
59	68	77	86
60	69	78	87
61	70	79	88
62	71	80	89
63	72	81	90
64	73	82	91
65	74	83	92
66	75	84	93
67	76	85	94
68	77	86	95
69	78	87	96
70	79	88	97
71	80	89	98
72	81	90	99
73	82	91	100





Recd.
15.000.-

